

ALFARRÁBIOS

2016©ssquerdosautorais

Fanzine Coletivo

Os textos publicados são da responsabilidade
de seus autores

foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias
responsável: Paulo de Carvalho

Contato:

55 21 99556-1007

armazemdequinquilhariaseutopia@gmail.com

UTOPIA
Brasil

ALEJANDRO THORNTON



(Buenos Aires, 1970)

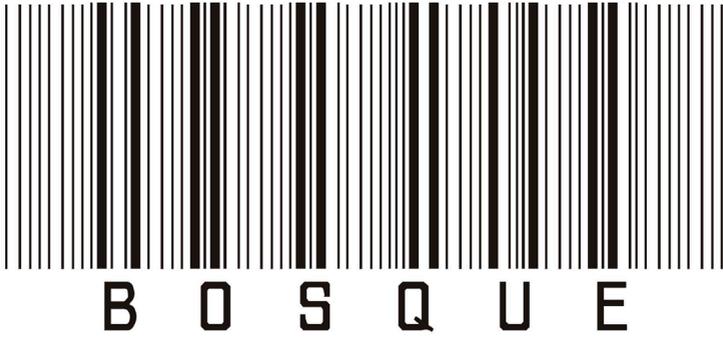
Artista visual, docente e investigador del Departamento de Artes Visuales de la Universidad Nacional de las Artes (U.N.A.). Impulsor de “ide1editora” revista/editorial dedicada a la poesía visual. Ha publicado los siguientes libros: Abracadabra (2017), 15 Poemas Políticos (2016), Poemas instantáneos (2014), Epistolar (2013), Problemas Gráficos (2008), Poesía Visual (2007), Every day is a winding road (2005).

www.athornton.com.ar

<https://alethornton.wixsite.com/ide1>



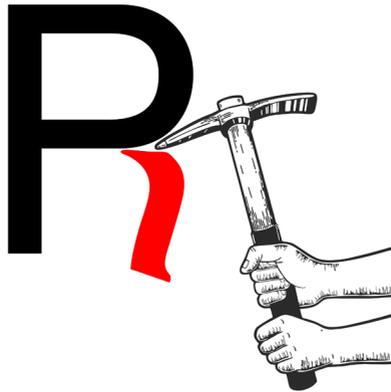
ALFARRABIOS XV



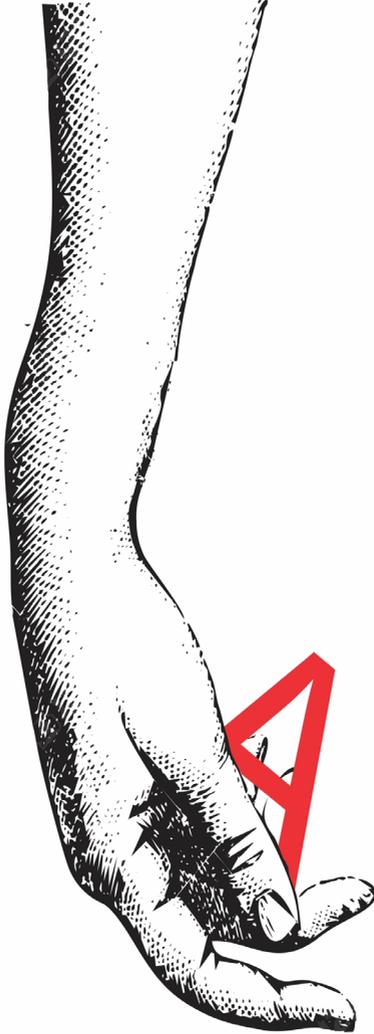
"Bosque" (2003), Alejandro Thornton

CAMBRE
→ HOCIO

"Correcion ortografica" (2006), Alejandro Thornton

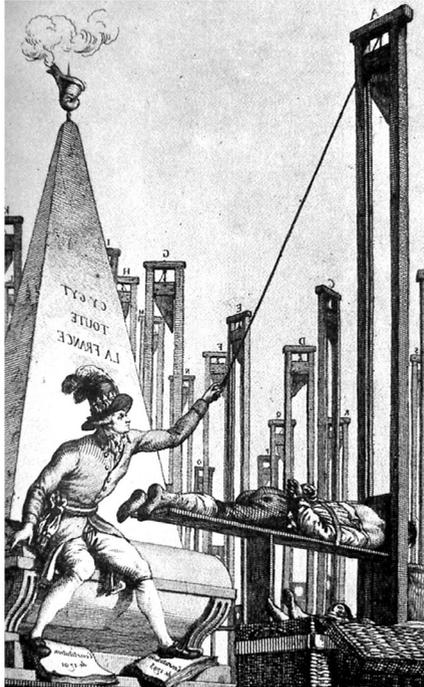


"Poder y razon" (2019), Alejandro Thornton

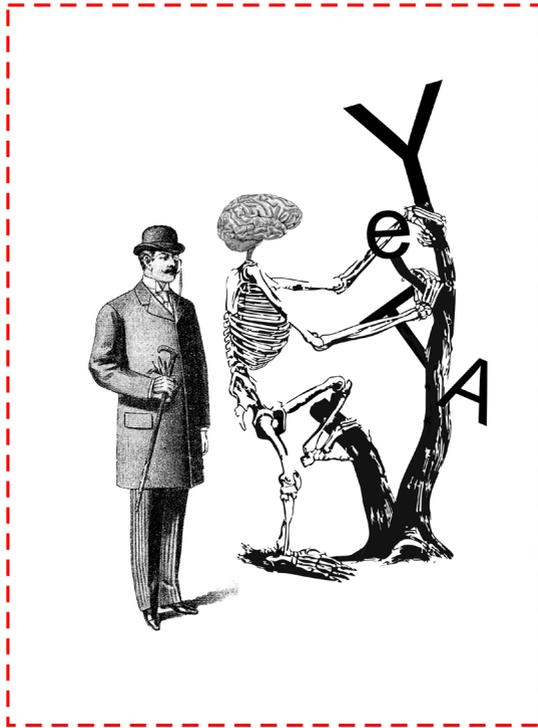


"Fragilidad" (2019), Alejandro Thornton

TRAICION



"Traicion" (2018), Alejandro Thornton



"Yeta" (2020), Alejandro Thornton

Psicóloga, especialista em psicologia clínica, amante da vida.



Aurora e a morte

Da série personagens e suas conversas.

Numa tarde de domingo, cheia de nuvens e ventos ligeiros, retornei novamente à praça onde costumo observar os passantes. Meu nome é Aurora e costumo frequentar este lugar em busca de encontros significativos. Vejo as crianças brincando, os amigos jogando baralho, os cães a rodopiar pelos canteiros, o pipoqueiro a vender seus diferentes sabores com arranjos criativos do milho e muitas outras manifestações de prazer me alimentam neste efervescente pulsar da vida.

ALFARRABIOS XV

Ao observar as nuvens densas que anunciavam um choro intenso do céu, avistei uma linda jovem que vestia calça jeans desbotada, camiseta branca e tênis coloridos. Tinha os cabelos esvoaçantes. Seu olhar era circunspecto mas não totalmente distante. Um jeito de olhar muito interessado nas pessoas e na vibração do viver. Para meu espanto, aquela linda moça encaminhou-se em minha direção e sentou-se ao meu lado. Ficou quieta e eu, muito curiosa, perguntei de onde ela vinha. Ela então disse que vinha de uma pequenina rua bem próxima dali e anunciou que se chamava Morte. Eu lhe disse o meu nome com a voz entrecortada. Neste momento, estava espantada com a revelação e inclinei meu corpo para trás do banco. Estava muito assustada. Ela, ao perceber meu desequilíbrio, disse que eu não devia temê-la pois havia se aproximado para conversar. Afirmou então que os viventes precisavam falar com ela para tentar, de algum modo, dar um sentido à vida. Acalmei-me mas fiquei muda e ainda um pouco agitada frente a tão impactante aparição. Talvez, como todos nós, eu ainda não desejasse ter aquela conversa mas resolvi deixar fluir.

Ela logo me perguntou quando eu havia nascido e eu respondi que foi no início dos anos 70. Pediu-me para descrever o contexto de meu nascimento e assim o fiz. Ela olhou intensamente em meus olhos e disse: “Eu a acompanho desde essa época”.

Ao ouvir a afirmação desta minha cabalística interlocutora, meus cabelos arrepiaram e meu coração começou a acelerar tal qual um maratonista no final de corrida. Perguntei: Como é possível que você esteja comigo desde o meu nascimento? Ela respondeu que está

comigo desde então porque é verdade que quando nasci comecei a morrer. As mudanças implicam perdas do velho para o nascimento do novo, afirmou. Sem entender esta contradição, arregalei mais ainda meus pequenos olhos e disse que não havia entendido sua afirmação. Ela, muito centrada, disse que no dia de meu nascimento eu havia recebido um mundo novo mas havia perdido um mundo antigo, protegido por um corpo aconchegante no ventre de minha mãe. Após escutar isso, refleti sobre esta perda e pude admiti-la como própria. Comecei a pensar que ao longo da vida experimentamos inúmeras mortes.

A esta altura, já me encontrava em plena consonância e identificação com aquela conversa que me oferecia oportunidade de reflexão. Aquela moça me fez então uma segunda pergunta: Como foi a sua infância? Eu respondi que fui feliz, que brincava com meus amigos, jogava, criava fantasias e construí castelos em minha imaginação. Disse-lhe também que me faltavam algumas coisas e que meus desejos nem sempre eram atendidos. Ela então afirma que, do mesmo modo, na infância experimentei perdas e ali ela também estava presente. Neste momento percebi a enorme força daquela entidade em minha vida e do quanto permitir que ela ocupasse seu espaço de reflexão seria importante.

Uma ideia sobre a experiência de minha adolescência rasgou meus pensamentos e, naquele momento, me dei conta do entrelaçar importante dos temas vida e morte no existir. Disse então que na adolescência também experimentei perdas. E ela afirmou que sim e de maneira muito intensa, acreditava. Ela disse que a transformação do corpo pode ter sido uma das mais significativas

ALFARRÁBIOS XV

e que a partir desta transformação inúmeros outros acontecimentos surgiram. Novamente encontrei muita coerência no que ela estava dizendo e eu mesma pude incluí-la como parte desta época também.

Na adolescência o homem vive um momento muito importante. É um momento onde é convocado a reconhecer sua existência fora dos liames da família. O próprio adolescente provoca isso. Quer experimentar o mundo em outras relações. E a partir deste marco começa a viver novas possibilidades de liberdade e responsabilidade, continuou a bela moça. Fiquei ainda mais interessada nesta reflexão e perguntei: Como se dá essa passagem? Qual a aprendizagem que podemos ter com ela? Ela segurou minhas mãos, acariciou levemente meus cabelos e disse: “Você experimenta liberdade mas começa a pisar no mundo. Tem a sensação de perder proteção. Encara um gigante que te convoca a amadurecer, decidir, escolher com consciência e assumir posições. E esse gigante é ainda um desconhecido.” Respirei fundo mas não argumentei. Pus-me a pensar novamente. Conversar com a morte, faz refletir, divaguei.

A moça soltou minhas mãos e perguntou sobre o que eu estava pensando. Respondi que pensava sobre a necessidade humana de sentir-se protegido, em segurança. Afirmou que é muito forte no humano a busca por proteção, mas disse que a vida nem sempre pode oferecer esta garantia. O homem é bastante vulnerável. O vivente, quando lançado no mundo, vê descortinado um processo que caminha para uma tentativa de construção e afirmação, ao mesmo tempo a finitude está lá, mora na certeza, tentando fazê-lo aprender, disse ela. Novamente

ALFARRÁBIOS XV

meus pensamentos, agora já mergulhados numa meditação contínua e intensa, tocaram meu coração. Era uma angústia ainda não nomeada mas que me mobilizava, mexia comigo. Um sentimento de vazio inquietante que movimentava minha alma.

Após um leve sorriso e um suspirar profundo, a moça disse: “Chegamos a idade adulta”. Eu a olhei fixamente como se aguardasse que ela prosseguisse. Compreendendo minha busca, falou que nesta fase e, em todas as outras, o mundo é parte do homem e o homem é parte do mundo. Olhou-me com o mesmo sorriso e disse que o mundo que habito e que crio é parte de mim e também é a minha morada. Disse que nós humanos trazemos sentidos herdados uns dos outros, mas podemos criar novos sentidos a partir de nós mesmos. E disse que uma das coisas mais importantes da vida é construir sentidos aceitando o vazio como lugar de crescimento e verdade.

A Morte estava a me ensinar algo muito importante. Percebi que me falava sobre a responsabilidade de cada um no próprio existir, meu papel no caminhar de minha própria vida. Ela sentiu o que havia acontecido em minha alma e olhando novamente para os meus olhos, com uma firmeza concreta mas natural, disse que ela não leva ninguém, ela não vem buscar as pessoas para o fim definitivo, cada um constrói sua vida e ela própria é o resultado desta construção. Afirma então que o homem morre como vive. E precisa aprender a viver bem. Com um toque poético, aquela moça continuou a falar de maneira muito séria e afetiva que não é possível voltar para afastar-se dela ou ignorá-la. Disse que no rio da vida, a corrente das águas é

ALFARRÁBIOS XV

contínua e que nela o homem está em fluxo, em processo. Não há determinismo, o homem é impermanente. Frágil como uma gota de orvalho que seca e desaparece ao nascer do sol. E nesta impermanência, o que fica, é o modo como agimos a exemplo desta mesma gota que pode matar a sede de pequenos insetos ou hidratar as folhas verdes de uma roseira, até que um novo sol volte a romper as montanhas. É tudo muito frágil, ao mesmo tempo que é profundo e belo.

Neste instante me deu um abraço forte e senti como se fôssemos uma só pessoa. Flutuávamos no mesmo barco remando para o mesmo lugar. Sentia que nesta travessia a Morte me ensinava a valorizar a paisagem, os sentimentos, as pessoas que tocavam minha alma, a limitar o que me machuca, a construir sentidos de amor que possam permanecer em algum outro universo para além de mim. Durante o abraço ela me dizia bem baixinho: “Se viver com sabedoria a sua vida não vai ter medo da Morte. Serei sua professora mostrando e sustentando o que deve ser prioridade, o que deve ter valor, o que deve jogar fora para não pesar na travessia, te ensinarei a ficar com aquilo que deve habitar de maneira amorosa e leve o seu coração”.

CAMILLA OLIVEIRA



Camilla aprecia a paisagem da janela do seu quarto. Gosta especialmente de sol, de mar, de céu-azul, beija-flor e gaivotas. É psicóloga de formação, atuante em escolas municipais do Rio de Janeiro e aposta na poesia falada como uma ferramenta de transformação subjetiva e social. Tem pela literatura uma grande paixão. Desde muito jovem, as palavras e os livros são janelas a abrir novos mundos: se desloca de lugares de solidão e pouco movimento para outros mais povoados e férteis, onde se sente mais viva. Encontra nas palavras escoamento, refúgio, ancoragem e possibilidade de fluir. Camilla escreveu uma dissertação de mestrado sobre suas experiências com a poesia falada, “Poesia falada: A arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar”, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente está cursando o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com um projeto de pesquisa que aborda as poéticas do corpo a partir das relações entre corpo, poesia e vida no slam.



ALFARRÁBIOS XV

Azul beija-flor

Um beija-flor entrou pela janela do banheiro

Ele era lindo, mas tive medo

Talvez aquele velho medo bobo do desconhecido

Depois pensei: Deve ser sorte!

Alguma coisa boa que está pra acontecer

Ou já está acontecendo

A cor dele era azul escuro

E posso então chamar de azul beija-flor

Fui para sala ver o balé das gaiivotas

Que está mais pra dança contemporânea

Tamanha a fluidez, soltura e invenção

Só nas férias consigo ver e ouvir passarinho...

Que gostoso!

As gaiivotas gostam de dançar na chuva

Elas transam bem com água

Se espalham no céu

Afastam, aproximam...

Se eu fosse um bicho

Seria uma gaiivota

ALFARRÁBIOS XV

Elas são livres e voam

(Nem todo bicho que tem asa é livre e tem gente sem asa que voa!)

Gosto de voar com as palavras

Elas me levam a uns lugares bem engraçados

Que meus pés não alcançam

Confesso que gosto desse mundo de sonho e devaneio

Onde posso conversar com beija-flor e ser gaivota

As folhas do brasileirinho secaram todas de novo

Me ponho a catar as que caíram e tirar todas elas

Preciso limpar a terra

Para que algo cresça novamente

A vida é isso mesmo

Mortes e nascimentos constantes, cotidianos

Mas a semente sempre quer germinar

E brotar e florescer

Nisso eu acredito piamente

E boto fé!

CECÍLIA ROGERS

A poeta Cecília Rogers é natural de Niterói, onde reside. É Mestre em literatura portuguesa pela UFF e desde muito jovem acalentou a poesia em si. Somente em 2018 concretizou esse caminho poético com a publicação de seu livro “Ardua a poesia em Maria” pela Pachamama Editora. Livro sensorial na escrita e na fotografia de seu filho, Ricardo Rogers. Participou em 2019 das Feiras literárias de Niterói e de Paquetá.



Através do vidro

Através do vidro

vejo

peessoas que

caminham

pelas ruas que

vejo

Através do vidro

do ônibus

vejo

a garota que

ri

despreocupada

na beira

da rua

a ser

cruzada

ela me olha

Através do vidro

ALFARRÁBIOS XV

no milésimo instante

capturada

a vida

imaginada

no olhar

Através do vidro

vejo

o velho que

caminha

curvado

na beira

da rua

a ser cruzada

ele me olha

Através do vidro

no milésimo instante

capturada

a vida

opaca

ALFARRÁBIOS XV

no olhar

Através do vidro

vejo

prédios

modernos

casas

antigas

vidas

imaginadas

olhares

esquecidos

Através do vidro

vejo

a cidade que

passa

agora

no escuro

escura

me vê

a cidade

ALFARRÁBIOS XV

refletida

Através do vidro

vejo

pessoas

falando alto

nos bares

nos becos

escuras

escura

a vida

que vejo

Através do vidro

refletido

o lixo

no chão

da rua

escura

de corpos

jogados

nos becos

ALFARRÁBIOS XV

escuros

escura

a cidade

de corpos

de lixo

dos becos

que vejo

Através do vidro

opaco

escuro

frio

o vidro

o olhar

a vida

no milésimo instante

refletida.

Do livro “Ardia a poesia em Maria” (2018) Ed. Pachamama

CELSONO RICOARDO DE ALMEIDA

Mineiro da cidade de Liberdade, mas radicado em Fervedouro, também em Minas Gerais, desde o ano de 1999. Formando em Administração de Empresas, com Pós-Graduação em: Gestão Ambiental, Gestão Pública, Psicanálise, Acupuntura, Ciências da Religião, Maçonologia – História e Filosofia e MBA em Gestão Empresarial. É Dr. h.c. Administração pela Logos University In. e Dr. h.c. em Educação pela Faculdade de Ciências Médicas e Jurídicas – FACMED. Tem ainda formação Terapêutica em Arteterapia, Aromaterapia, Auricoloterapia, Florais de Bach, Reiki, Acupuntura Dermato Funcional Facial e Corporal – Estética e Outras. Servidor público de carreira, trabalha a mais de 20 anos na área de saneamento básico. Professor designado pelo Estado de Minas Gerais, leciona para cursos técnicos na área de Administração de Empresas e afins. Já lecionou também para cursos Pós-Graduação. É membro de diversas academias literárias, possui 11 livros publicados e já participou de 23 antologias literárias e organizou três.

Contatos:

E-mail: celsoricardo-almeida@bol.com.br

<https://www.facebook.com/celsoricardo.dealmeida>

<https://instagram.com/celsoricardo.dealmeida>



Agradeço a Você

Agradeço a você,
Que me acolheu sem saber.
Ouviu meus lamentos,
Curou meus tormentos,
E me ajudou a viver.

Reconheceram meu erro!
Prestaram boa vontade!
Corrigiram meus defeitos!
Me ajudaram de verdade.

Souberam dizer,
No momento oportuno.
Palavras difíceis,
Mas que mudaram meu mundo.

Era um ser diferente,
Mergulhado nas trevas.
Perdido em sonhos,
Entregue ao ócio.

ALFARRÁBIOS XV

Mas graças a você,
Corrigi meus defeitos
Renasci das trevas
E voltei aos eleitos!

Hoje estou diferente,
Já sou outro homem!
Por isso agradeço a você,
Que mudou meu viver.



Inverno Tempo de Meditação

O inverno é o tempo oportuno
Para nos despirmos de nossas vaidades
E darmos um tempo em nossas atividades
Para entrarmos em uma perfeita reflexão.
Pensando nas coisas que resolvi,
E nas que deixei sem solução.
Para que ao chegar o término deste período
De pura introspecção,
Eu possa resolver
As questões que eu deixei por fazer.
Por isso irei aproveitar
As tardes translúcidas,
Onde o sol se deixa afugentar
Pelo crepúsculo gélido e deprimente
Que nos induz a meditação.
Refletirei sobre a família,
Sobre o amor e a razão.
Coisas importantes da vida

ALFARRÁBIOS XV

E que nos causa comoção.

Mas que devido ao corre corre diário

Não podemos ponderar ou ao menos analisar

Esses dons que a vida nos dá.

Sim! Não podemos menosprezar

Esses momentos de desponderação

Que é nos proporcionado por esta estação.

Momentos dadivosos que a vida nos oferece

Para refletir e analisar

Sobre o sentido da vida!



DANIEL LOPEZ GUACCALUZ

Daniel Lopes Guaccaluz é professor, escritor e jardineiro.



EQUUS

A força não é ausência de delicadeza:
Vê como a tigresa lambe a cria,
Enquanto a amamenta.
A delicadeza não é ausência de força:
Contra a densidade do concreto,
Uma roseira abre fissuras.
Quem conhece sua força
E, ainda assim, preserva a delicadeza imanente,
Descobre em si macho e fêmea
E tanto pode ir à guerra,
Quanto pode cuidar da cria.
Torna-se, portanto, a Fêmea do sol;
O Senhor da lua,
CAVALO:
Encantador dos dias.

OUÇA O LEÃO

Conheceram-se nos tempos da pandemia. Todas as tardes, corriam - sob os crepúsculos deslumbrantes daqueles dias - na mesma praça. Davam dez, doze voltas e proseavam, protegidos pelas máscaras. Ele tinha olhos claros, quase sobrenaturais. Era verdadeiro. Desde o início, confessara ser cocainômano. Tinha sido internado uma pá de vezes e, agora, frequentava um grupo de ajuda mútua; estando limpo havia já mais de dois anos. Ela gostou da sinceridade. Afinal de contas, todos temos esqueletos no armário. Uma noite, depois da corrida, não suportando mais a seca e a fragilidade daqueles dias, ambos se tocaram; num canto escuro. Ela sentiu os braços, o peito, o cheiro; seu sexo derramou, amanteigado, pulsante, pronto para receber o músculo. Faltava, no entanto, uma coisa: o beijo. O desejo gritava mais alto que a prudência e ela baixou a própria máscara. Quando, todavia, tentou tirar a máscara do amante, ele fugiu: olhos horrorizados. Por alguns dias, ele não apareceu e ela teve dificuldades para dormir; se conseguia, tinha pesadelos, sempre com felinos. Quando, por fim, encontraram-se outra vez, foi como se nada tivesse acontecido. Correram, conversaram, gargalharam alto, porque ele era engraçado. Nesta tarde, ele a convidou para conhecer sua casa; ao que ela não pôde recusar. No caminho, dentro do carro, acariciavam-se até quase. Ele tinha dedos macios. Entraram correndo. Enfurecidos pelo desejo, mas quando deitaram na cama e despiram-se, ele pediu para continuar de máscara. A moça insistiu. Como leão enjaulado, ele tentou dizer não; mas cedeu, por fim

ALFARRÁBIOS XV

– olhos frágeis marejados. Foi ela então quem fugiu, feito presa assustada; quando, ao retirar, com as próprias mãos, a máscara do rosto dele, avistou, onde deveria haver nariz, apenas dois buracos fundos, cercados de carne preta, como se fossem cancrós; condiloma num pênis apodrecido.



O GUARDA-VIDAS

Quando Uriel nasceu, tanto o médico quanto as enfermeiras ficaram espantados de ver chegar ao mundo, após nove meses de gestação, um bebê completamente sem pele. Durante a infância, Uriel viveu cercado de cuidados; não se podia expôr ao sol; não frequentava a escola com as outras crianças; mesmo brisa mais forte fazia o menino sentir dor, qualquer toque o fazia sangrar. O mundo era mais que alergia, era queimadura de terceiro grau. Canção que não fosse Bach, Pachelbel, Chopin, Nick Drake ou Graham Nash afetavam seus órgãos internos. Quando ventava, a família fechava as janelas. Como Uriel não tivesse pele para contê-lo, seus pais tinham medo de que um vento mais forte pudesse dissolvê-lo; levá-lo no ar feito montinho de poeira. Assim, o menino sem pele atravessou a infância, a adolescência e chegou à vida adulta. Uma pereba inflamada, queimadura, uma ferida ambulante. Vai ser gauche é maldição para quem ao menos tem perna. E pele. Certo dia, durante um feriado, a família resolveu ir à praia. Uriel fazia questão de ver o mar, mesmo que fosse sua última visão neste mundo. Os pais colocaram empecilhos, era perigoso. Ao que Uriel retrucou: - Viver é muito perigoso. – Citação de livro, como o mundo lhe era hostil, desde os cinco anos, Uriel fora viver nos livros. Uma manhã, antes das seis, a família foi à praia. Tudo calmo: felicidade é sorriso em riba do sofrimento. Os pais tiveram até coragem para deixá-lo sozinho por um instante, sob o guarda-sol, enquanto caminharam de mãos dadas rumo ao mar. Era a primeira vez que namoravam desde que o filho viera ao mundo. Foi neste exato momento que

ALFARRABIOS XV

Uriel teve de tomar decisão. Um menino que brincava na beira do mar foi levado pela maré. Sem-pele gritou. Não podiam ouvi-lo. E o mar a cada vez engolindo o menino com mais voracidade. Mais gritos: NADA. Então, Uriel deixou a cadeira e mergulhou sem se preocupar com seu próprio destino. Salvou o menino. Sentiu dor, pois sal sobre uma ferida sempre arde, mas quando deu por si, viu que uma camada ainda fina de pele envolvia sua carne sofrida. Ancorado neste pequeno conforto, Uriel aprendeu a nadar, fez cursos e tornou-se guarda-vidas. A cada pessoa que ajudava, sua pele se tornava mais grossa, mas nunca deixou que ela se tornasse uma couraça. Quando ficava muito excitado, por ter ajudado muita gente, arrancava, durante a noite, as crostas que se formavam com o excesso de pele... E viveu a vida.



O DIA EM QUE VI MINHA MÃE CHORANDO NA COZINHA

Fui o único a correr para abraçar meu pai quando ele parou o Fusca em frente de casa. A mãe continuou na cozinha, coando o café; enquanto nenhuma de minhas quatro irmãs mais velhas saiu do quarto para cumprimentá-lo ou pedir a benção. Eu, no entanto, tinha sete anos; de modo que, não importava o que falassem, meu pai era meu herói. “E aí, molecão!” – disse ao me entregar um boné original do Santos FC. Ajudei-o com uma das sacolas, enquanto ele carregava as malas para dentro. Meu pai era o homem mais alegre que já conheci. Quase aos cinquenta, ainda tinha a mesma energia que eu. Como nosso quintal era grande, passávamos os dias jogando bola, peteca; ou pegando amora, atemóia, manga, ameixa no pé. Agora, havia quase um ano que eu não o via. Tempos antes, o pai tinha conhecido uma mulher no trabalho e se apaixonado, e saído de casa. Foi um ano ruim, aquele. Eu não sabia o que tinha feito de errado para ele me abandonar assim. Além disso, as dificuldades financeiras. Não chegamos a passar fome, minha irmã mais velha já trabalhava e a mãe pegava roupas para passar em casa. Houve, todavia, noites em que jantamos os abacates colhidos do pé; com pouco açúcar, inclusive. Só que agora ele estava de volta, meu Pai, e eu estava disposto a esquecer tudo aquilo; como se não tivesse passado de um sonho ruim. O resto da família, no entanto. “Oi, Maria.” – ele disse, beijando mamãe no rosto. Ela permaneceu. Era uma mulher séria; sempre com os cabelos presos num coque e vestimentas muito sóbrias. Seus únicos prazeres eram ler e tocar, no piano, os hinos

de nossa Igreja. Entregou uma xícara de café. Ele bebeu devagar. Houve um silêncio denso, como se só os dois existissem no mundo. Depois, meu pai foi para o quarto ajeitar suas coisas. Eu junto, agarrado. No fundo, tinha medo de perdê-lo outra vez. Quando estávamos no quarto, no entanto, o pai me entregou uma caixinha com um relógio lindo dentro. “Por que você não vai levar pra sua mãe?” Obedeci, mas quando voltei para a cozinha, a mãe estava descabelada, chorando, soluçando; agarrada à pia como se pudesse ser levada por um ciclone, caso soltasse. No chão, a xícara quebrada em mais de mil pedaços. Fiquei ali, na cozinha de casa, com aquela caixinha nas mãos por mais de trinta anos.



DANIELA LOPES

46 anos, assina seus textos como Dani L. Assistente Social por formação, Servidora Pública e militante da causa da mulher. No fazer artístico é artesã, autodidata em desenho, pintura, escrita e tem formação em teatro pelo curso livre de teatro Oficena, de Cabo Frio. Poeta incidental, artista autoral, mulher e mãe de duas mulheres. Participa da Cia de Teatro Entrepalcos e do Coletivo de Mulheres Poetas de Niterói.



O MASTRO

No entanto choveram mais dias do que de sol se abriram. No mastro ainda pendia a dúvida sobre a hora da partida. Os lábios curtidos do sal. A garganta ardida daquela terra árida que subia com o vento. Naquele dia fizera sol e secara também a garoa translúcida e cortante do frio de agosto. Ninguém jamais saberia explicar com palavras. Ninguém jamais ousara fazê-lo.

- Silvana, mulher à toa! Traga o meu café preto sem leite que hoje a cachaça me lascou! Traga logo, demônio dos infernos! Se não, a correia vai cantar!

Ela ouvia os gritos percorrendo o corredor. Quando ele se zangava, parecia um tomate, de tão vermelho.

Naquele dia o sol secou as lágrimas, as veias, a boca. Nenhuma voz, nenhum sentimento. Nenhuma expressão. Nada.

Da casa se ouvia os restos mortais da bandeira chacoalhando na ponta do mastro. Silvana cegava ao contemplar o sol. Os olhos cor de mata virgem, vivos como “o lindo pendão da esperança”. Aos poucos crescia o mar de nuvens espessas. Dava-se a ordem e o crepúsculo desabava avermelhado sobre seus cabelos. Aos poucos tudo voltava ao normal.

No mastro, manchando os trapos esvoaçantes, um corpo. Ela contemplava e sorria. Os trapos rubros, como mechas ruivas. Como seus cabelos ao vento. Ninguém jamais saberia explicar. Ninguém jamais ousara fazê-lo.

ALFARRÁBIOS XV

Enquanto pegava os tomates, fitava a pedra de amolar facão. Decidira que essa seria a última manhã que aquelas palavras ceifariam seu orgulho. Cuspiu um misto de ódio, nojo e desprezo. Limpou, com as costas da mão, aquele líquido viscoso que escorria do canto esquerdo de sua boca. Passou o facão de um lado e de outro, provocando faíscas na superfície da pedra. Quanto mais afiava, mas alimentava sua ira.

- Silvanaaaaa!!!

- Otávio... estou ocupada... Passou vagorosamente pela sala com o facão na mão.

- Cadê meu café, sua besta?

- Você não prefere um suco?

- Suco?

- É.

Os tomates na pia. Talvez um suco curasse o porre. Cortou-os em pedaços. Bem devagar. À medida que o líquido escorria, ela se abria num sorriso torto. Foi tomada por uma euforia e amassava com prazer os pedaços vermelhos até gargalhar. Apertava-os nas mãos, o suco escorria entre os dedos. Havia nascido para isso.

O som odioso do telefone tocando o hino do Vasco tirara-lhe do estado de quase gozo.

- Fala, Moreira! Tô esperando o jogo começar.

ALFARRABIOS XV

Da janela da cozinha, olhava para o mastro. Sua imponência a impressionava. Altivo, firme, viril, desafiante. O facão era seu mastro de brinquedo. Era o que estava ao seu alcance.

- Rapaz, a mulher não presta nem pra trazer um café! Tu acredita que queria me dar suco essa hora? Se nem laranjada consegue fazer! Hahahaha!

Aquele som de gargalhada era sua deixa... Tranquila, com um prazer mórbido e paciente, foi andando com o facão escorrendo, os braços escorrendo, o avental escorrendo.

- Eu sei fazer suco de tomate, Otávio... Sei fazer muitas coisas com a faca...

Depois de quase meia hora, Moreira ainda continuava gritando Otávio do outro lado do telefone e dizendo que ia chamar a polícia. Ela entrou em casa com as mãos empapadas do líquido daquela peça que segurava como um troféu. Levou até a cozinha para guardar na caneca do Vasco que Moreira dera de presente de aniversário a Otávio no dia anterior. Mas quando ouviu o barulho, voltou do meio do caminho como se lembrasse de uma coisa muito importante, que não poderia deixar de fazer.

Gargalhou alto até cansar e sentar no chão ao lado do celular. Homens e suas fraquezas... A do seu marido era a língua, e ela precisava registrar essa descoberta. Achou que o amigo Moreira gostaria da foto que ela lhe enviara, mas ele começou a gritar mais alto. Ela não entendia o motivo de tanto desespero. E quanto mais ele gritava, mas ela

ALFARRÁBIOS XV

gargalhava, até achar que poderia morrer de tanto rir, mas não importava. Morreria feliz. Seria feliz ao menos uma vez na vida.

No entanto choveram mais dias do que de sol se abriram. O tomate jazia em rastro pelo chão. Ela desenhava, com os dedos, o rosto distorcido de Otávio gargalhando da sua incompetência como mulher, dona de casa e amante. Otávio tinha a boca escancarada sem língua. Ah, Otávio... você fala demais. Pela janela, os trapos ruivos batendo no corpo nu acenavam da ponta do mastro... Ninguém jamais saberia explicar. Ninguém jamais ousara fazê-lo.

PALAVRAS

Puta que pariu de novo!

O gole rascante disseca as artérias

Corte secante nas vias etéreas

Fragmentos de vida entre os acessos

Abrindo abcessos na fala contida

Palavras cheirando a enxofre

Ressecam as entranhas

Arranham as papilas

Amargando a fel as feridas

Salgam a envergadura do dorso

Lanhado

Curvado

Mastigado

Pelos dentes podres da descrença

Como flechas arqueadas no pescoço

Numa orgia dilacerante

De dor alucinante

Como toda abstinência

ALFARRÁBIOS XV

Epifania de uma jugular poética
Que abre a fenda do ardor a navalha
Jorra o néctar até que me valha
Uma boa foda tétrica
Um cálice da sua dose plasmática
Um álibi pra sua morte performática
E de novo a porra da asfixia
Arrombando o peito
Fechando o cerco
Avalanche de taquicardia
Descendo a galope sobre as vias abertas
Na enxurrada de golpes
Das suas palavras vazias



HUMBERTO NILO SAAVEDRA



(Santiago de Chile, 1954)

Licenciado en Bellas Artes, Universidad de Chile. Artista visual y académico en diversas entidades de estudios: UCH, UTALCA, UMCE, UNAB, UCV, UST. Ex director del DAP de la UCH y de APECH, ex miembro de ALAP y de AUMA (primer colectivo de mail art internacional). Investiga y trabaja en net-art working (Arte Correo y Net Art). Participa en el Taller 99. Su obra es patrimonio del MNBA, integra publicaciones y exposiciones nacionales e internacionales, donde ha obtenido importantes premios y distinciones.

ache1nilo2s@gmail.com

ache1nilo2s@gmail.com

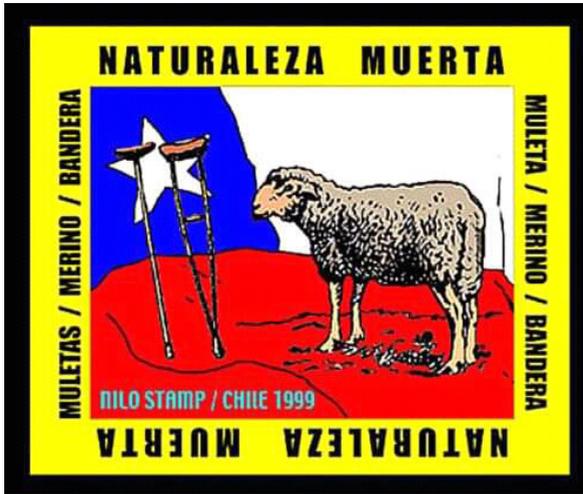




"Historia registrada" (1999), Humberto Nilo



"Memoria Rito/Cartográfico" (2004-2056),
Humberto Nilo



"Naturaleza muerta" (1999), Humberto Nilo



"Peace to vieques" (2000), Humberto Nilo

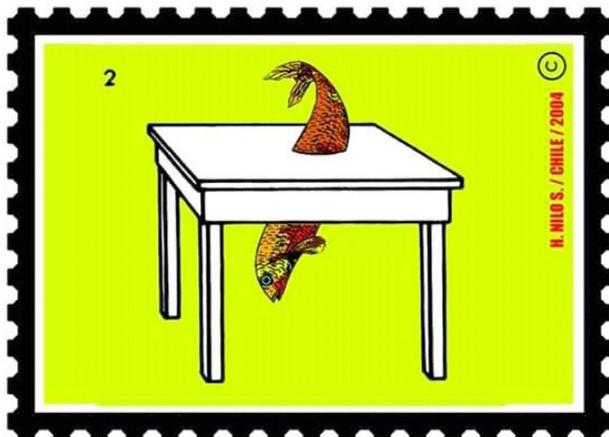


"Stop Death" in Kosovo (1999), Humberto Nilo



"Stop Death" in Yugoslavia (1999), Humberto Nilo

ALFARRABIOS XV



"Sin Titulo" (2004), Humberto Nilo



"Memoria preventiva" (2002), Humberto Nilo

JORDÃO PABLO DE PÃO

Jordão Pablo de Pão é escritor, produtor cultural e pesquisador de memória literária. Autor de “Abre Caminhos” (2017); “O Mar do Meu Velho” (2018) e “Café Quente” (2019). Membro Titular da Academia Niteroiense de Letras. Membro do Coletivo Afeto Poético. Curador de diversas exposições, mostras, séries de saraus e eventos literários. Atualmente, Diretor da Biblioteca Guaracy de Albuquerque Souto Mayor e Coordenador de Programação do SOLar do Jambeiro (Niterói, RJ).



QUISERAM CALAR-ME

lágrimas caíram dos meus olhos

logo depois que ele deu aquele soco em meu rosto

logo depois que a rodinha começou a gritar “BICHINHA!”

logo depois que o sorriso sarcástico ecoou, de quem só quer revanche

choro convulso infantil, fetal

abri uma porta, digo o que gosto - qual o pecado?

saí do armário, tenho o direito de amar - qual o rato? qual o roto?

moscas rondam meu machucado em sangue vertente

moscas todas senhoras de família, tradicional, brasileira

eterno zunido no momento do corte, da agressão

sigo no estudo de quem sou, de como estou

há um privilégio de viver, que urge

há um desmazelo em existir só, que punge

crio searas em todos os momentos

crio, creio, me faço no desafio de amar, sobretudo me amar

ATUALIZAÇÃO

um homem ama outro homem - e ponto

um homem vê em outro homem o que lhe faz sentido
um homem, outro homem, o que almeja, o que almejam

amar é matéria de perceber a delicadeza do outro
e dar-se por completo

amar é fôlego novo em diária labuta de ser
e entregar-se no escuro

um homem e outro homem, um sentimento legítimo
só quem tem essa experiência pode dizê-lo, legítimo

PARECENÇA

um homem que ama outro homem parece seu primo
parecem, os homens, primos
amam-se os homens, mais que primos

o poema é uma forma de semelhar-se à vida
o poeta é um agente de transformação
porque o amor traz em si o gene revolucionário

existe algo irrefutável na experiência de amar:
dores e intransferíveis sensações

todo sentimento parece o ser amante
todo sentimento o ser amado
todo sentimento, dois seres humanos

nas vozes verbais, ativos são tão pungentes quanto passivos

na vida, ativos e passivos são condições das ações
sou humano, somos humanos, parecemos, agimos, recebemos: amor

AZULZINHO

falaram que, quando a pipa já não sobe, azulzinho
falaram que existe cor de menina e de menino, menino
azulzinho
falaram que sim porque sim

ah, garoto, é tudo MENTIRA

o melhor azulzinho rola mente a dentro
o sonho, a excitação, o cuidado da intimidade
existe precioso minuto na hora de ser em conjunto
existe paz em miúdo nas suas meninas-dos-olhos

o mundo é um arco-íris, um caleidoscópio
uma festa de cores em que cada um carrega sua matiz
e compartilha suas próprias nuances
cores são amor, amor é todo cores

aquele que ama todas as suas forças
aquele que ama tem todas as forças
aquele que ama traz em si forças

o amor é revolucionário

José Antonio C. Silva

Químico industrial - B.Sc.

Engenheiro Industrial - M.Sc.

Ex- executivo de grandes empresas

Psicólogo - Especialista em Psicologia Clínica.

Finitude

Durante alguns anos, eu e um prezado amigo cultivamos um gosto comum: o de escrever crônicas e outras formas de manifestação literária, e postá-las, cada um em seu próprio blog. Sempre que fazíamos uma nova postagem alertávamos um ao outro, na expectativa do recebimento de uma generosa recepção. Nossos contatos eram basicamente no mundo virtual, eu o conhecia, assim como a sua família, mas nossos encontros físicos eram pouco frequentes. Circunstâncias da vida.

Esse amigo tinha uma escrita elegante e de grande apreço ao vernáculo.

Deliciei-me, particularmente, em acompanhar a sua querela com Millôr Fernandes a propósito de uma crase, quando o grande humorista escrevia no antigo Jornal do Brasil. Millôr era conhecido por sua brilhante inteligência, talento múltiplo, humor ferino e domínio do idioma, mas, também, por um temperamento irascível. Pois não é que o meu amigo ousou argumentar que não cabia uma crase em um texto do Millôr? Contrariando todas as expectativas, sua colocação foi educadamente recebida, embora contestada. Na tréplica, meu amigo apresentou novos argumentos contra a crase. Mais uma vez Millôr respeitosamente analisou a argumentação, concordou que ela era válida de um modo geral, mas que, naquele caso específico, cabia, sim, a crase. Assim era o genial Millôr, osso duro de roer.

As crônicas do meu amigo eram, ao mesmo tempo, ligeiras e de aguda percepção do ser humano. Prosa gostosa, delicada e ao mesmo tempo profunda. Era com muita alegria que eu as degustava e, ainda com mais alegria, que recebia seus elogios. Ele era de uma geração anterior à minha, eu ainda nos sessenta, ele já entrado nos oitenta, sobrevivera a muitos encontros com a Dama de Negro, descritos com senso de humor em seus textos, sempre ressurgindo com espírito jovem e estoicamente aceitando as adversidades da vida. Nunca temeu o dia em que partiria para sempre, escrevia sobre isso com naturalidade, sem qualquer receio ou amargura. Um dia ele faleceu, isso ocorreu há poucos anos. Não voltei a ter contato com seus queridos familiares, dentre ao quais já não se encontrava sua amada esposa, companheira de muitas décadas e que partira alguns anos antes dele.

Por que estou falando desse meu amigo? Creio que pela sensação da minha própria finitude. Inspecionando a barra de “favoritos” em meu computador (mero acaso?), vi que o link do seu blog ainda lá estava. Curioso, fui ao blog, reli diversas daquelas crônicas, a última delas postada em 08 de maio de 2015. Meu amigo se fora, não haveria mais crônicas naquele espaço. Sensação estranha para mim. Diferentemente de um livro, e ele escrevera alguns, um produto pronto e acabado, um blog é um organismo vivo, em frequente mutação. Certa feita li que uma pessoa sobrevive à própria morte enquanto sua lembrança permanecer na memória de alguém. Obviamente não se falava de personalidades históricas como Napoleão Bonaparte, Abraham Lincoln, Lev Tolstói, Albert Einstein, Beethoven, Aristóteles e um vasto ciclo de personagens que, em suas áreas de atuação, deixaram marcas indeléveis na História, mas, sim, das pessoas comuns, aquelas que foram importantes tão somente para um limitado séquito de parentes e amigos. Livros escritos por essas pessoas estariam condenados ao esquecimento nas estantes de seus descendentes e dos amigos, até o descarte final. Cartas, bilhetes e registros de sua presença em papel fotográfico teriam idêntico destino, assim como trabalhos arquivados, já na era digital, no HD de um computador pessoal, disquetes ou CD´s. Todos esses artefatos, de existência física, mais cedo ou mais tarde simplesmente desapareceriam. Sobre essas pessoas, compondo a imensa maioria da humanidade, nenhum historiador jamais se debruçaria para discutir sua trajetória de vida, inclusive pela completa falta de material de pesquisa.

Mas, e um blog? Ele não tem existência física, é uma coletânea de dados registrados na nuvem. Mesmo que apagado do computador onde foi plantado, ele poderia ser acessado de algum lugar qualquer, ainda que congelado na última postagem, após o desaparecimento físico de seu autor, por um tempo indefinido. Não estaria, dessa forma, perpetuado? Mas, afinal, o que é a tal nuvem? É apenas uma metáfora. O conteúdo da nuvem é armazenado em um servidor, essencialmente um conjunto de HDs ligados em rede. Os prédios que abrigam os servidores, os data centers, estão espalhados em todo o mundo, são verdadeiras fortalezas, com vários níveis de segurança, tanto digital como física. Mas, é claro, não estão imunes a uma destruição provocada pela ação da natureza ou do homem, circunstância que vem preocupando a mente de cientistas afetos à Informática, à Física, à Matemática e a campos correlatos. Um apagão digital poderia trazer consequências inimagináveis à humanidade.

Então, onde ficamos? Sejam religiosos, aqueles que creem na vida após a morte, ou ateus, a vida terrena um dia se extingue, e os traços deixados pelo comum dos mortais aqui no planeta mais cedo ou mais tarde, também se extinguirão. Desolador? Não necessariamente, embora esse pensamento possa nos entristecer por instantes. Certamente nossa partida será sentida durante um tempo indeterminado por aqueles com quem mantivemos um convívio de amor e de amizade. Mas, sobretudo, devemos evocar os nossos entes queridos que já partiram não através de sofridas lembranças, mas, sim, da graça de termos com eles compartilhado momentos de felicidade neste nosso efêmero caminhar pela existência.

JOSÉ GLAUGO RIBEIRO TOSTES

José Glaugo Ribeiro Tostes, Prof.
Titular aposentado da UENF
(Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro), no
interior do Estado do Rio

RAIZES LÓGICAS DA RAZÃO OCIDENTAL

I – META-LÓGICA CLÁSSICA

RAZÃO OCIDENTAL: UM PRIMEIRO ESBOÇO DAS SUAS ORIGENS LÓGICAS

A civilização ocidental, eurocêntrica, tem na “razão” (razão filosófica e, hoje, razão científica) uma das tradições que permite dar a tal civilização uma identidade própria ao longo dos últimos cerca de 2.500 anos. Embora tal razão tenha raízes anteriores, europeias e de além Europa, tomamos um breve período por volta de 500 AC, na Grécia, como o berço daquela razão/civilização. Um começo (sem separações rígidas com seu passado, é claro) com dois filósofos começando a longa caminhada da razão ocidental pela área filosófica da Lógica ou gravitando em torno dela: Parmênides (nele tem origem o que hoje conhecemos como “Lógica Clássica” – L; vide adiante) e Heráclito (nele

tem origem o que hoje conhecemos como “*Lógica Dialéctica*” – **LD**; vide adiante). A imagem deste início é a de uma elipse com dois focos: Parmênides e Heráclito.

FOCO I

Começemos por um dos dois “focos”. A linha ou “foco” de Parmênides desaguou por volta de 100 anos depois no filósofo Aristóteles, que estruturou detalhadamente a “Lógica Clássica” (**L**), da qual vamos reter aqui somente dois dos seus três princípios fundamentais: o Princípio da Identidade (**PI**) e o **PNC** (Princípio da Não-Contradição). A partir daí a razão ocidental encontrou um dos seus dois fundamentos – o fundamento “parmediano” – para se desenvolver nos 2.400 anos seguintes, até hoje, até a este presente volume do ALFARRÁBIOS...

*O **PI** (“**A** é igual a **A**”): creio que aí Aristóteles demarca o campo da sua lógica face à **LD**: a identidade de um “ente” **A** qualquer demarca uma *fronteira* clara entre **A** e todo o “resto do mundo” que não é **A** (adiante, ainda ao fim do presente item, começamos a confrontar este campo aristotélico do **PI** com a **LD** de Heráclito).

*Quanto ao **PNC**, uma formulação, simples e inicial, é: “não se pode dizer e se desdizer ao mesmo tempo”, seja sobre alguma coisa ou conceito, o que caracterizaria uma violação de tal Princípio. Vamos dar agora exemplos bem simples de violação e de não violação do **PNC**. A diferenciação entre essas duas possibilidades é crucial para todo o restante texto.

Imagine o conjunto completo de todos os times do Brasileiro de 2020. Sejam as duas asserções, (1) e (2), com seus respectivos pares de opostos:

(1) “O S. Paulo é o campeão do Brasileirão de 2020” ou “O S. Paulo **não é** o campeão do Brasileirão de 2020”.

Temos aí as duas respostas possíveis (uma afirmação e sua negação) à seguinte pergunta: “É o S. Paulo o campeão do Brasileirão de 2020”? Note a fronteira nítida e clara entre o que “é” e o que “não é” ser-campeão.

(2) “O S. Paulo é o campeão do Brasileirão de 2020” **ou** “O Flamengo é o campeão do Brasileirão de 2020”.

Agora essas duas afirmações distintas respondem à seguinte pergunta: “É o S. Paulo ou é o Flamengo o campeão do Brasileirão de 2020”?

A formulação (1), acima, é um exemplo do PNC: se a afirmação é V (verdadeira), a sua negação é F, necessariamente F (Falsa). E vice-versa. Aqui temos dois “opostos **contraditórios**”. É impossível – segundo Aristóteles – você trocar o “**ou**” pelo “**e**”: você estaria dizendo e se desdizendo ao mesmo tempo. Você teria **violado** o PNC. Você teria caído numa “**contradição**”.

Existe ao menos uma lógica tão “axiomatizada” (definições precisas de seus “Princípios” e de suas regras operatórias de cálculo) quanto a **L** de Aristóteles e que **viola** o PNC? Que aceite “dizer” e “se desdizer” ao mesmo tempo? Sim. É aquela de um dos maiores lógico-matemáticos do mundo: o brasileiro (quem sabia dessa?) Newton da Costa e sua lógica paraconsistente (**Lpc**). Será que a **L** (Aristóteles) e a **Lpc** (da Costa) podem ser comunicadas/apresentadas a cada um de vocês independente uma da outra? Tudo parece indicar que **não**. Adiante, no próximo item, veremos com um pouco mais de detalhes que o próprio Newton da Costa, ao apresentar os seus objetivos de porque estaria construindo sua **Lpc**, simplesmente se valeria dos prin-

cípios (inclusive o PNC) da **L** de Aristóteles!! Adiante, no próximo item, argumentaremos que os Princípios da **L** aristotélica funcionam como princípios mínimos (também chamados de “princípios **meta**-lógicos”) sem os quais não conseguimos “vender” para vocês qualquer outra Lógica “axiomatizada”, no lugar da **L**, num grande e imaginário “balcão das lógicas”.

Já a formulação (2) acima não envolve “opostos contraditórios” como a formulação (1). Agora temos duas afirmações. E ambas podem ser falsas (**F**) simultaneamente. Sem violar o PNC. Na frase (2) temos agora apenas dois “opostos **contrários**”.

Por outro lado, só haveria, em (2), a necessidade lógica que existe em (1) se só existissem os dois times no Brasileirão amarrando as duas afirmações de (2): porque nesse caso, a negação em (1) envolveria apenas a afirmação sobre o Flamengo em (2). Fora desse caso excepcional, (2) é, ao contrário de (1), contingente: uma afirmação não “amarra” a outra. Estamos aqui fora do território da rigorosa lógica dedutiva: “se” isso, “então” (necessariamente) aquilo.

FOCO 2

Para completar este primeiro item, temos – numa inicial e ainda imprecisa formulação lógica – o segundo grande foco da razão ocidental, a **LD** de Heráclito: “nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio”. Aqui começa, por oposição a **L** de Aristóteles, o **derretimento de todas as fronteiras**, que se completa com o “Princípio da **Interpenetração de Opostos**” (PIO), um dos três “Princípios” ou “Leis” da **LD** de Engels (1878). Note que o PIO “derrete” o PI. Nem sequer as margens do rio são bem definidas. Temos “gradientes” entre “terra” e “água” no lugar

de margens/fronteiras nítidas entre elas. E o PNC? Segundo Engels, a nova ciência materialista dialética afirma que o próprio movimento das coisas no real (universo, natureza) teria como motor a contradição, vale dizer, a **violação (ontológica) do PNC**: “estou aqui neste lugar e não estou aqui neste lugar ao mesmo tempo”. Mas como o derretimento do PI requer **derretimento da própria fronteira “entre o que é A e o que não é A”** (isto é, entre dois supostos opostos contraditórios “bem definidos”) não temos mais tal contradição apontada por Engels, isto é, não temos mais sequer a violação do PNC no real. Meu suposto “círculo pessoal” bem definido/“separado” de outros ciclos na vizinhança, efetivamente troca algum material com outros também supostos ciclos materiais ou pessoais na vizinhança: eu estou no meu “ciclo” e ao mesmo tempo também estou em parte no interior de outros ciclos em volta.

Vamos apresentar neste nº XV do ALFARRÁBIOS apenas a primeira parte (PARTE I – META-LÓGICA CLÁSSICA) desta investigação sobre os fundamentos lógicos da Razão Ocidental, deixando a sua PARTE II – ANTI-LÓGICA DIALÉTICA para um futuro texto. No parágrafo anterior (“FOCO 2”) esboçamos apenas algo dessa futura PARTE II, quando afirmamos o tal “derretimento de fronteira entre o que é A e o que não é A” e a conseqüente não violação do PNC na LD de Engels, contrariamente ao que este afirma.

META-LÓGICA CLÁSSICA

TEXTOS SOBRE META-LÓGICA

CINCO LIVROS, de I.1 a I.5, fornecerão elementos muito claros e convergentes a favor da tese do caráter meta-lógico dos princípios de **L**, em relação, repetimos, a qualquer outra lógica “axiomatizada” (princípios lógicos e regras operatórias lógicas de cálculo, ambos claramente definidos).

I.1 H.B. PAGELS, O Código Cósmico: a Física Quântica como Linguagem da Natureza, Gradiva, 1982.

Ótimo livro de divulgação científica. Trechos extraídos do cap. 13 – “O Mercado da realidade”. Assim fala, segundo o autor, um dos visitantes de tal Mercado disposto a “comprar” uma das lógicas nele oferecidas:

“O mercado da realidade tem muitas lojas, cada uma com um comerciante que nos quer vender a sua versão da realidade física” (pag. 211) [notemos que quem está contando essa estorinha é um dos compradores de uma das possíveis versões da realidade física, cada uma oferecida por uma determinada Loja daquele “Mercado”].

“A loja em que entramos a seguir [à primeira loja visitada] é a Loja da Lógica Quântica. O vendedor desta loja vai tentar convencer-nos a comprar sua “lógica quântica” e a abandonar a lógica booleana [lógica matematizada que segue os princípios de **L**, a Lógica Clássica] da linguagem normal; dessa forma, a realidade quântica não nos parecerá tão estranha. A lógica quântica é não booleana: o sentido vulgar das conexões como “e” e “ou... ou” é alterado [...] não pensamos corretamente sobre o mundo quântico [diz o vendedor] – a nossa gramática está errada e a lógica normal não se aplica a ele” (pag. 213).

A pergunta mais interessante – volta a falar o autor do livro – sugerida pela lógica quântica é a forma de determinar a lógica correta para pensar sobre o mundo físico. A lógica torna-se um problema empírico [isto é, a escolha daquela lógica “correta” estaria sujeita à investigação por meio de **fatos**], tal como anteriormente a geometria do espaço e do tempo tinham se tornado um problema empírico com o advento da teoria da relatividade generalizada. Aprendemos com a teoria da relatividade generalizada [Einstein, 1915] que o mundo é **de fato** não euclidiano [isto é, não mais plano ou euclidiano, vale dizer, não mais o espaço plano da geometria euclidiana do mundo físico da mecânica newtoniana do séc. XVII]. A lição da teoria quântica pode ser interpretada como querendo dizer que a lógica do mundo físico é não booleana. A lógica, que geralmente é tida como anterior a qualquer experiência, torna-se empírica [dependente de nossa experiência], tal como antes dela, a geometria [por volta de 1915].

Apesar da argumentação persuasiva do vendedor de lógica quântica, grande parte dos físicos, tal como grande parte das pessoas, são relutantes em abandonar sua maneira booleana de pensar. Os físicos não podem deixar de pensar desta maneira; é através dela que a linguagem normal descreve o mundo da experiência [...].

Voltemos à palavra ao “comprador de lógica”:

“Um dos membros do nosso grupo diz-nos que a analogia entre a lógica não booleana e a geometria não euclidiana não é exata. É verdade que, de acordo com a relatividade generalizada, a geometria do espaço é não euclidiana no seio de um campo gravitacional. No entanto, para campos gravitacionais pouco intensos, a geometria do espaço torna-se muito semelhante à geometria vulgar do espaço pla-

no euclidiano. Mas a lógica não é assim – a decisão de escolher uma lógica e preterir a outra é uma decisão do tipo **tudo ou nada**. Uma vez que decidamos organizar nossa concepção do mundo físico de acordo com uma lógica, ela [seja booleana **ou** não booleana] deve ser aplicada globalmente a todo o mundo” (pg. 214).

[Notemos, antecipando o que discutiremos dentro dos próximos quatro livros, como “naturalmente” usamos, ao longo de todo o nosso discurso racional, o PNC, válido na lógica booleana, mesmo que escolhamos uma lógica não booleana – na descrição do mundo quântico – onde ele, PNC, seja violado: “lógica booleana ou não-booleana”. Não se admite o “e” no lugar do “ou”: isto é, não entramos na contradição de dizermos e nos desdizermos ao mesmo tempo na escolha – empírica – de uma lógica na descrição do mundo quântico. Já o binário booleano sim-não da meta-lógica formal está fora do campo de qualquer investigação **factual**].

“À saída da loja da Lógica Quântica encontramos alguns indivíduos que adquiriram a lógica quântica. Esses infelizes estavam tão preocupados com a peculiaridade do mundo quântico que reprogramaram seus cérebros para pensarem em termos de lógica não booleana. Que erro terrível cometeram! Não conseguem sequer efetuar uma transação pessoal ou financeira usando a lógica quântica [...]. Apercebemo-nos de que o vendedor da “Loja de Lógica Quântica” [pragmaticamente] não reprogramou seu cérebro. Ele necessitava da **lógica formal** [booleana] para nos tentar convencer de que a **lógica quântica** [não booleana] era a resposta à peculiaridade quântica” (pag. 215).

I.2 R. BLANCHÉ, A Ciência Atual e o Racionalismo, Rés, 1983.

“Num cálculo que não reconheça a lei do terceiro excluído, uma fórmula dada não é menos suscetível de receber uma avaliação bem determinada: ela tem **ou** não tem o terceiro valor; é sim **ou** não, sem terceiro. Um cálculo que não reconheça a lei da [não] contradição [PNC] cuida absolutamente de não cair ele mesmo em contradição, o que lhe retiraria todo o interesse. Noutros termos, as regras metalinguísticas que servem para elaborar as linguagens ou cálculos não clássicos permanecem as **mesmas** da lógica clássica”.

I.3 G. G. GRANGER, O Irracional, anos 1990.

O texto abaixo faz essencialmente a mesma comparação crítica entre lógicas-geometrias do texto I.1 acima ao tratar da questão da meta-lógica clássica e está também alinhado ao texto I.2.

“Não me parece que a relação entre a Lógica Clássica e as Não Clássicas seja da mesma ordem que aquela relação entre geometrias. Porque: (a) no primeiro caso [das Lógicas] a lógica proposicional **clássica** desempenha a função de uma **meta-disciplina regulando o jogo operatório** das lógicas desviantes, já que a posição ou rejeição de uma proposição desviante, com sua modalidade, são submetidas como tais a **bivalência** clássica; (b) no segundo caso, das geometrias] a geometria euclidiana, ao contrário, situa-se no **mesmo** plano que as geometrias não euclidianas, que ela [euclidiana] absolutamente não domina operatorialmente.”

I.4. M. F. OTTAVIANI e H. A. FEITOSA, Sobre a História da Lógica, a Lógica Clássica e o Surgimento das Lógicas Não-Clássicas, 2003.

TEXTO QUE EXEMPLIFICA O USO **GENERALIZADO** – EM ARGUMENTAÇÕES RACIONAIS/LÓGICAS – DOS TRÊS PRINCÍPIOS DE ARISTÓTELES (NÚCLEO DA META-LÓGICA OU LÓGICA CLÁSSICA), INCLUSIVE NA APRESENTAÇÃO DE LÓGICAS QUE **VIOLAM** TAL META-LÓGICA. MAIS UMA VEZ: ISTO É COISA QUE JÁ CONHECEMOS TRIVIALMENTE DA RAZÃO OCIDENTAL.

*p. 1 do texto I.4

Um dos objetivos do texto I.4 é discutir as seguintes duas questões, que, à p. 29, sabemos que provêm de livro de Newton da Costa:

“Existe uma única razão”?

“Existe uma única lógica”?

Ora, está utilizada implicitamente, já de saída, por da Costa, a meta-lógica clássica rigorosamente **binária** ou bivalente do PNC:

Existe **ou** não existe uma única razão? [da Costa, por exemplo, responde negativamente]

Existe **ou** não existe uma única lógica? [da Costa, por exemplo, responde negativamente]

É por isso que todos nós estamos entendendo todo esse discurso do texto de Ottaviani e Feitosa.

O mesmo raciocínio estará também implicitamente sendo empregado abaixo.

*p.22 do texto I.4

Apresentação de lógicas heterodoxas que “derrogam princípios básicos da lógica clássica”:

*“Lógicas não-reflexivas – nas quais não vale a lei reflexiva da **identidade**”.

[a pergunta implícita – baseada nos “princípios da lógica clássica”! – por trás da afirmação da frase acima: existem ou não existem lógicas nas quais não vale a lei reflexiva da identidade?]

*“Lógicas paracompletas – nas quais não vale o princípio do terceiro excluído”.

[a pergunta implícita – baseada nos “princípios da lógica clássica”! – por trás da afirmação da frase acima: existem ou não existem lógicas nas quais não vale o princípio do **terceiro excluído**?]

*“Lógicas paraconsistentes – nas quais não vale o princípio da **não-contradição**”.

[a pergunta implícita – baseada nos “princípios da lógica clássica”! – por trás da afirmação da frase acima: existem ou não existem lógicas nas quais não vale o princípio da não contradição?]

I.5 HANS PRIMAS, *Chemistry: Quantum Mechanics and Reductionism*, Springer Verlag, 1981

*“Is logic empirical?”, pergunta este autor. E ele responde:

“According to the traditional view, logic is an a priori discipline. Traditional logicians assume they can know the laws of logic through pure reflection, and assert that logical principles, therefore, cannot be confirmed or rejected by experiments. They say that principles of logic are ne-

cessarily true when true, and necessarily false when false. Consequently, the realm of logic should be independent of results of empirical research. This traditional view has been challenged by many mathematicians, philosophers and scientists on the basis of widely different reasons”. Primas, portanto, admite: os princípios lógicos podem ser confirmados ou rejeitados pelos experimentos.

*“Is logic universal?”, perguntamos nós. E ele responde:

[Ele rejeita] “the prevailing dogma that logic has to be universal, applicable to all propositions, propositions about logic included [auto-referência]. Once is recognized that this dogma is a metaphysical prejudice, we can adopt the view [...] that there is no logic which works for every subject matter”.

O autor parte então para apresentar a chamada “Lógica Quântica”, uma lógica **não** clássica, que deveria “ser confirmada ou rejeitada por experimentos”.

Novamente temos, com a pergunta preliminar (“Is logic empirical?”), o mesmo problema de fundo com que estamos lidando ao longo de todo este tópico: apelo implícito e **circular** à PARTICULARÍSSIMA meta-lógica Clássica, isto é, apelo – imposto **previamente** a qualquer investigação empírica – apenas ao **particular** binário **metalógico** de possibilidades de resposta:

“A meta-lógica é empiricamente testável” [é a opção, “não metafísica”, de H. PRIMAS]

“A meta-lógica não é empiricamente testável”.

Acrescentamos, no âmbito da mesma pergunta (“Is logic empirical?”), que um texto de COOPER afirma ter alcan-

çado uma explicação da origem histórica/natural, portanto empiricamente verificável, da meta-lógica clássica via teoria evolutiva de Darwin. Novamente aqui, temos que COOPER faz apelo circular à própria meta-lógica clássica que pretende, supostamente, abordar empiricamente. Isto é, ele pressupõe a própria metalógica clássica previamente a qualquer possível verificação empírica dessa mesma lógica, ou seja, ele pressupõe o seguinte e rígido binário de possibilidades de resposta:

“A meta-lógica clássica é empiricamente testável” [é a opção defendida por COOPER]

“A meta-lógica clássica **não é** empiricamente testável”.

Lá se vai “água abaixo” o objetivo (talvez principal) – “a meta-lógica clássica é empiricamente testável” – de todo o livro de COOPER...

Voltemos ao texto I.4. Para terminar, também na questão “is logic universal?”, PRIMAS apela para o pressuposto **prévio** da meta-lógica clássica, isto é, apela para o irreduzível binário **meta**-lógico de respostas possíveis àquela questão [binário lógico este “para trás” e imune, a priori, a qualquer investigação racional e/ou empírica]:

“A lógica é universal”.

“A lógica **não é** universal” [é a opção defendida por PRIMAS].

Claro que a primeira opção subentende que existe apenas uma única lógica, válida em qualquer circunstância.



MARIA ANGELICA CARTER MORALES

Artista visual y gestora cultural autónoma. Nació en Santiago/Chile, está radicada en Rosario/Argentina desde 1969. Licenciada en Bellas Artes, ex--docente de la Escuela de Bellas Artes, Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario. Expone desde 1990 hasta hoy. Obtiene 40 premios y distinciones nacionales. Su obra integra publicaciones y exhibiciones internacionales, es patrimonio de museos e instituciones públicas y privadas. Coordinadora de “UNI/vers Nuevo 2”, edición de poesía visual y experimental, Melting Wor(l)ds Latinoamericana, Alemania, 2019.

rosangelux3@gmail.com

CONTACTO:

E-mail: rosangelux3@gmail.com

Facebook: María Angélica Carter Morales

ABREVIATURAS:

EBA: Escuela Universitaria de Bellas Artes

FHYA: Facultad de Humanidades y Artes

UNR: Universidad Nacional de Rosario / Argentina

ALFARRABIOS XV



CHILE_Stamp1_De la Serie OCTUBRE



CHILE_Stamp2_De la Serie OCTUBRE

LIGIA HELENA CARVALHO

Mestre em Teologia (Faculdade Moriah Internacional Center e FATEF), Teóloga, Cabeleireira, Cantora, Poetisa, Escritora, Compositora e Trovadora. Curadora do Sarau Sintonia Cultural. Integrante da União Brasileira de Trovadores. Seus textos compõem diversas antologias e é atuante em diversos saraus e eventos literária no Grande Rio.



Estações

Quando minha vida floresce

A primavera anuncia

Novas flores e perfumes ainda mais envolventes.

Quando minha vida aquece, esquentando e a temperatura aumenta

É o verão se achegando e aquecendo o coração

Quando desabo, me renovo, troco minhas folhas rabisca-
das pela vida, o outono de renovações acontecem e tra-
zem um preparo para a próxima estação.

Quando o inverno chega, e deixa mais fria, insensível,
cruel, mas na minha, encoberta por camadas de desilu-
sões, em busca de me cobrir e aquecer

Para que na próxima estação eu novamente volte a Flo-
rescer

E a seguir o ciclo das estações vividas.

Cuidar

A colheita mais bonita é feita na gratidão

Quando ajudamos o próximo estendendo a mão

Culpar alguns, não traz resultados reais

O que muda de verdade é atitude e o ato de á alguns ajudar.

Se cada um se mobilizar

Seremos mais que cem

Uma geração de ajudadores

Mobilizados em transformar

De cuidar de alguém

Um planta, outro rega e no final colhemos juntos uma geração que cuidou de muitos

Ainda há tempo de mobilizar e fazer um futuro diferente

Cuide de alguns e seremos melhores...

Ligia Helena Carvalho

Mãos calejadas

Era segunda-feira

Dia de ação social na igreja

Eu me arrumava seguia para o local.

Logo, chegava Kombi transportando as doações.

Chegavam os alimentos :

Arroz ou macarrão legumes e a carne do dia, para dali fazermos um delicioso sopão.

Sentada uma manhã e tarde inteira a descascar os alimentos

Mãos que ficavam manchadas pela sica e calejada pelo ato repetitivo com a faca.

Lavavamos tudo, e chegava a hora de levar ao fogo

Cheiro que enchia o ambiente

Tem comida boa saindo.

Antes do culto, correria, tinha que tomar um banho e me arrumar para receber cada um que ia chegando.

Hora do culto, louvor, palavra, oração e no final todos recebiam o alimento preparado.

Vasilhas, potes de todos os tamanhos, eram levados pelos moradores.

ALFARRÁBIOS XV

Ao final, vinha a outra parte do trabalho, a louça suja as panelas vazias...

Mas em meio a isso tudo

O que prevalecia

Era um coração cheio de amor e satisfação.

Pelo menos, naquele dia, sei que muitas barrigas estavam cheias.

Ligia Helena Carvalho

MARINEY KLE CZ

MARINEY KLE CZ - Paranaense da cidade de Apucarana. Escreve poesias , contos e livros infantis (estes de conteúdo ecológico). Presente em várias antologias, organizou a antologia “A PEDRA QUE CANTA” (2018). Co-fundadora do CLARON – Centro Literário e Artístico da Região Oceânica de Niterói.



PIVETE

Menino bonito de cara suja,
despenteado.

Jornal por lençol,
chão por colchão.

Menino bonito de cara suja

DES- nutrido

DES- amparado

DES- calço

DES- abrigado

DES- camisado

DES- consolado

DES- amado

DES-

DES-

DES-

DESesperado?

Sonhar? Talvez.

O tênis, a camisa, o short

UM PÃO!

Sonhos tão pequenos!

O mundo o olha de cara feia.

Medonha!

Pequeno atrofiado

Consegue ser grande na ...ESPERANÇA!

LUA

Disco prateado,encantado,
dos amantes,inspirador.

Violado,desbravado.

Não perde,do brilho,
o esplendor.

Quero seguir sua trilha:
derramar-me inteira,
sem preconceitos.

Devassada,
pródiga,
iluminada!

LEI ÁUREA

Soltaram-se os grilhões!
Corpo e alma libertos, finalmente!

Livres dos açoites inclementes
negros, pelo país, comemoraram.
Apesar da alegria contundente
as ignóbeis cicatrizes ficaram.

Isabel,a redentora, sabiamente
assinou a santa lei que a condenava.
O trono, ela perdeu, eternamente
mas fez o que o coração ordenava.

Muitos são aqueles que labutam
contra esta maligna tradição.
Carolinas, Cartolas se apresentam
gloriosos, na cultura da nação.

BOTICÁRIO

Teu corpo é vasto pasto
para meus secretos desejos.
Sovina e voraz vampira
te sugo e esvazio inteiro

Desvario de doces dores,
amalgama de sangue fundido
de taras em férteis terras
íngremes e perfeitas ondulações

Experiente botica extraio
de tua alma,pedra filosofal,
extrato e sumo de entrega
e construo prazer colossal.

Ainda sinto, no recinto,
tremores,espasmos,lassidão,
suores e pungentes gemidos.
Produto de total sedução!

PRISCILA MOREIRA

baiana da cidade de Salvador. Pedagoga com especialização em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar. Participei da Antologia Poética Internacional da Editora Cogito e da Antologia Poética Mulher Poesia Vol. 02, em 2017. Integrante do Núcleo de Poesia, Cultura e Arte, grupo Mel Mulheres Entre as Linhas, Clube dos Poetas da Bahia, e participa do grupo de Pesquisa Contadores de Histórias da Bahia, chamado Cacimba de Histórias.

Minhas redes sociais

<https://www.facebook.com/priscila.moreira.5283>

https://instagram.com/priscilas_moreira?igshid=1bnem3ez6cecg

@pithy_mana



RODA VIVA

Quero ter a certeza
Do sim e do não
Quero sentir a pureza de coração
Quero viver a verdade da intenção

Quero ver olhos brilhantes
Cheios de emoção
Quero viver o melhor momento intensamente
Sem pensar no depois.

Quero viver a vida
Como ela é
Saber o que quero ou não.

O limite de tudo:
Do sim ou do não.
De tudo:
do sim e do não.

REVELAÇÕES

Olhares se cruzam
Inspiram nós dois.
Risos que se encontraram
De repente entre nós
Surgem naturalmente.
Estampados no rosto
Brilho que vem a vida
Iluminar e dizer bem vindo.
Sorrisos soltos ou frouxos
Ricos em gargalhadas.
Afagos presentes na estrada
acalentos e aconchegados.
Na vida e na caminhada
Passos que deixam pegadas
pés cansados
Descalços
e desnudos no asfalto.
Rastros que tocam e marcam o solo fértil

ALFARRÁBIOS XV

Além das calçadas

A rua.

Vidas que se encontram revelam sentimentos

Desejo e paixão.

Diz sim ao querer

Ao bem de ambos

O ser.

NO SOM DO SILÊNCIO

Te chamo

Por ti clamo num instante

Suplico por um olhar sensível

Perto de mim e não distante

Te vejo em pensamento

Sonho contigo

Chega o coração conclama

Responde e dispara

Contemplo a arte em movimento

No tempo e no vento acompanho

O decorrer do movimento

Feito alimento solto no vento

Paro assim e penso da vida me sustento

Converso com o tempo

Respiro o ar puro

O vento que traz para mim acalento

Mas em ti me perco

ao mesmo que me encontro

mas não te reconheço

Tento, mas não te esqueço

Padeço e pereço

ALFARRÁBIOS XV

Me escondo
Perco e viro a cabeça
Me desvio de amar
Envaideço ao me permitir
Não sinto e não me vejo
Mal me percebo
e por você quero ficar assim apaixonado
Não disfarço
E por ti desejo, tramo o ensejo não esmoreço.
Simplesmente e naturalmente
Enlouqueço, não caio em si inconsciente me encontro e
me vejo
No som do silêncio
imagino você:
Chorando, gemendo, vibrando, gritando, escutando
E ouvindo a sua voz aqui em si
Também em mim
No som do silêncio.

REBECA CARVALHO



Flor

Toda flor tem sua cor, tem seu perfume e ao mel da sabor.

Borboletas, abelhinhas e também o beija-flor. Todos fazem fila para chegar até a flor.

Borboleta e beija-flor da flor vão se alimentar.

As abelhas colem o néctar para o mel poder fabricar, e além disso o pólen tem que espalhar. Rosa, flor tão delicada, colorida e perfumada, rosa flor de belo porte e delicada porém forte.

Flor que dá ameaça se defende e delicada porém se defende.

Ah! Como a rosa eu quero ser!

COR

O que é cor?

Na verdade o que a cor é?

No início de hoje se:

Haja luz!

Haja isso, haja aquilo

Ei, espera um pouquinho,

Eu nunca ouvi o meu Senhor dizer:

Haja cor!

Será que a cor é só a cor dos olhos?

Será que a cor da pele é a única cor?

Será que a cor é só a do arco-íris?

Não. A cor está em tudo que se vê.

O estudo que podemos ver tem a sua cor.

Antes de Deus dizer haja.

Havia uma única cor.

A gente são de todas as cores, o preto.

Depois de encontrar a minha resposta, me veio outra pergunta.

O que é preto?

ALFARRÁBIOS XV

É a escuridão, as trevas?

Ou a ausência de luz?

Uma coisa eu vou e posso afirmar,

eu tenho muitas perguntas, e não tenho respostas para todas.

Então minha gente, eu fico sem algumas respostas.

Ficam apenas guardado na minha memória,

as cores da minha história.

Rebeca Carvalho

ALFARRÁBIOS XV

Vai descrever a maior pintura já criada no universo, você e toda a criação...

TELA DO PINTOR

Eu vejo o nosso mundo com a tela de um pintor,
todos nós fazemos parte da grande arte do autor.
Com sua bela aquarela os planetas Ele pintou!
Pintou o sol, pintou a lua, pintou estrelas e outros mais....
Pintou pessoas, plantas e diferentes animais.
Pintou os nossos cabelos, nossa pele nossos olhos,
cada pessoa tem a sua cor e pintinhas de montão!
Todo universo Deus se pois a pintar.
E no sétimo dia meu Deus foi descansar!

Rebeca Carvalho

REGINA ALVES

Atriz de formação , autora de peças de teatro, contos e poesias. Mesmo tendo a escrita já com bastante tempo participando de concursos só publicou seu primeiro livro em 2018 o livro A Flora Que Aflora a Alma. Atuante em teatro profissionalmente desde 2001 como atriz e com passar dos anos foi lapidando seu tear como professora de teatro, preparadora de elenco e diretora Artística. Com mais de 13 peças publicadas e com direção e adaptação 3 peças da Cia Interarte vem alavancando questionamentos sociais necessários como a violência doméstica, pedofilia, homofobia. Participou de duas exposições com textos e performance teatral poética Quimera Sensorial em Niterói e na Coordenadoria de Direitos Humanos de Niterói- Exposição Escritas da Carolina (Carolina Maria de Jesus).

Diretora Artística do Espaço Cultural Interar'arte , já participou do FANZINE Epitaphio II e FANZINE Alfarrábios XIV, Antologia Um Brinde à Poesia 21 anos, colunista Cultural do jornal Daki.



ALFARRÁBIOS XV

Eu leio a afirmativa: Quando o sexo ficou fácil de achar, o amor

se tornou difícil de encontrar.

Aí penso: E você, o que realmente procura?

Consegue manter uma conversa sem pensar ou mencionar o sexo

como cargo chefe? Porque como pode afirmar a frase acima se o

contexto que busca é sexual? O amor não está difícil de encontrar

você é que não sabe quais são suas prioridades quando aborda

alguém!

Regina Alves

ALFARRÁBIOS XV

A VIOLÊNCIA estava tão longe de nossas casas, "apenas"
nos morros.

A paz "reinava". Para o crime as favelas não bastam!

O grito ecoa na porta da sua casa.

Regina Alves

TE BUSCO

Meu olhar te persegue ...

apenas na certeza que beijando seus lábios

Poderei sentir o toque na alma.

Regina Alves

CACHINHOS

Não tente enrolar uma mulher que tenha cabelo

com cachinhos se ela consegue dar jeito nas madeixas

Imagine em você que pensa que é esperto!

Regina Alves

BREVE

Como folha

Partiu

Sorriu

Seguiu

Emergiu

Mandou

A puta que pariu!

Mentiu

Se iludiu

Saiu a

Mil

Ninguém

Viu

Caiu

Subiu

Decolou

Bateu

ALFARRÁBIOS XV

Esborrachou

Chorou

Amou

Abraçou

Ganhou

Perdeu

Enganou

Enganou?

Não, não

Foi o engano

Nas letras

Me embolou

Caminhou

Correu

Chegou

Deu tempo?

Não, já era

Tarde!

Lamento!

Regina Alves

RENATA CORRÊA

(43 anos) é professora/educadora por desejo; mãe por escolha; militante por princípio e necessidade; antifascista por moral; femimista por sobrevivência e poeta por existência. Oriunda da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, fez de Niterói seu território. Começou a soltar seus versos aos 8 anos, possuindo poesias publicadas em duas edições das antologias Universo Poético (II e III), ainda adolescente. Atualmente, trabalha na Biblioteca Popular Monteiro Lobato. Constrói coletivamente o Sarau Horto Canto do Poeta e o Coletivo de Mulheres Poetas de Niterói.



ALFARRÁBIOS XV

Palavra é a medida que mora
Desmedida no intervalo do beijo...
O gozo que espera
A hora certa de ser o que se é
Naquilo que subverte:
As semânticas...
A moral...
Os tratados...
As preposições...
Crianças imponderáveis na roda dos anos.
Indecências...

.
Palavras escorrem dos poros
Pelos lençóis
Por páginas tantas...
Nuas...
Nus...
Elas não me pedem e não me pertencem
Eu que as necessito como fome...
E as devoro com medo que me escapem
Da memória que se fantasia
No carnaval de horas...
São fúria
Folia
Cinzas de quarta.
E renascem na contagem regressiva
Do próximo gole lento de vinho
Para que não se percam da saliva.
Impermanências...

.
Palavras me levam...
Não aceitam a perene
Ousadia de se transcreverem
Naquilo que não cabe em si.

ALFARRÁBIOS XV

É a saudade no rastro
Que fica depois de soltas no vento...
Reticências...
.
Palavras são sujeitos brincantes
De sua própria escritura...
Escrevinhar é garimpo
Passar na peneira a língua
Atrás do ouro da boca que cala.
Meu silêncio é ribeirão
De palavras inquietas...
Um quase rio transversante
Na impossibilidade de se represar em poema.
Iminências...
.
A palavra é esta
Em sussuro que me bagunça
Teimosa...
Um sem querer ser
Sendo
Poesia sem grades
Palavras...
Imanências...
.
.

(Renata Corrêa - 20/6/20 - da 40tena)

ALFARRÁBIOS XV

Quantos nomes tem o amor?

Substantivar a raiz

Não encoraja a semente...

Mania essa de cunhar o mundo

Daquilo que nasce no silêncio

Para dar sentido ao que é arrepio.

.

Prefiro o amor quando verbo

Nos reflexos de tempos conjugados

O amor no infinitivo do amar

Se pretérito na chegada,

Se perfeito nas emboladas,

Se imperfeito nas partidas,

Mais-que-perfeito nas madrugadas...

.

Um amor de presente

Presença na conversa instante dos olhos

Que atravessa as pontes do estar...

Um giramundo que deita no encontro

De universos que amam no agora

ALFARRÁBIOS XV

Ao se derramarem na vontade
De não amanhecer a hora de ir...
O amor sem máscaras
Que se escuta no eco dos sussuros...

.

Gosto mesmo do amor gerúndio,
E sua preguiça contínua de se esparramar
Num sendo na boca que beijando
Vai se dizendo sim.

.

Quantos nomes tem o amor?
Mania essa de cunhar os sentidos...
Que seja imperativa
A simplicidade da dança dos amantes
Que se põem ao sol
E acariciam os tempos conjugados.
Por tanto amar
Prefiro o amor verbo...
E quando nos amarmos,
Que nós apenas nos amemos...

.

.

(Renata Corrêa - 25/6/2020 - da 40tena)

SPIRITO SANTO

Músico, pesquisador e escritor, 72 anos, com estudos gerais voltados para o impacto da cultura negra na Diáspora africana no Brasil, com ênfase na etnomusicologia e na História. É autor do ensaio etnomusicológico 'Do Samba ao Funk do Jorjão', Trabalhou como músico e professor em Viena, Áustria, entre 1989 e 1993.



Um cara:

(Adrenalina a mil, trincadão, falando sem parar)

_ Aí, o seguinte: Perdeu, meu! Não levou fé e nem sentiu firmeza, né? Pensou que fosse esmola, foi? Tu tava era me achando assim um otário, um mané desses aí, qualquer nota, que estão sempre batendo cabeça, como se tu fosse um qualquer coisa dessas aí, assim, importante pra caramba, um doutor desses, das colunas de jornal. Percebeu o ferro? O cagaço prateado? O argumento frio do dedo no gatilho? E aí? Vai encarar? Quer sentir o cano duro na espinha? E agora? Gelou, não foi? Apertou o fiofó? Não passa nem agulha, certo? Dá pra ver pela tua cara de bundão, sem chão onde pisar. Seu merda.

Achou que eu era um cara bom, do bem, mas se danou, mermão. Eu sou mau, mau, mau, bem pior do que um pica pau, cheio daquelas picardias passadas pelas crueldades desta vida, sacumé? Muito pé descalço e sacanagem. Rodado. Sou o que sou. Vai fazer o que?

Abre! Abra a porra do vidro, anda! Achou que era um moleque desses de sinal, di menor ainda, inofensivo, só que meio grandão, não é? Algum sujinho, imundo, pacato malabarista de limão murcho? Errou no diagnóstico da parada, tu viu a situação, assim... de forma... cumé que tu diz?...equivocada, morou? Vacilou, doutor bobão. Já era.

Trabalhar é o caralho! Me arrepio só de dizer este nome feio, baixo calão, chulo, palavrão. Não sabia? Pois vira esta boca rota pra lá, rapá! Nem pensa. Li no teu olho. Deus que te livre e guarde. Nem pensa em pensar tal blas-

ALFARRÁBIOS XV

fêmia aqui, na minha frente, que eu posso até, de nervoso, raivoso, apertar o dedo em ti, e aí sim, tu babáu, morreu, seu língua solta. Vê se me tem respeito, tá legal?

Trabalho pra mim é chongas, palavra sem sentido. Pesadelo. Me dá ânsia de vômito só de me imaginar, cumprindo a maldita rotina de, cinco horas acordar, cinco e quinze sair, cinco horas acordar, cinco e quinze sair, cinco horas acordar, cinco e quinze sair...

Toda porra de dia.

Num meio tempo qualquer desses aí, aturar o mal humor da mulher caída, canhão, baranga, dragão, semi adormecida, que me acompanha na vida de cão cachorro sem vergonha que eu, se fosse um desses, relevaria, perdoadando o mal humor dela, por que sei que ele vem daquelas bolhas ardentes que ela carrega no punho, feito um bracelete, bolhas e bolhas de óleo respingado da frigideira preta, de toda santa madrugada fritar aquele ovo mínimo e solitário, olhando, meio dormindo ainda, aquela porra de clara branca espalhada, aquele arroz branco empapado, achatado na marmita de tapeware esbranquiçada, aquela gema feito a coroa amarelo-dourada de algum rei de sonho, faminto rei torto do meio-dia, comendo sofregamente a sua comida, depois de cumprir metade de uma batalha de merda, sem glória nenhuma pra justificar a fome de leão.

Vômito só de pensar: Tomar um banho as cinco e as cinco quinze partir, pegar um ônibus cata-corno desses, lotado, empanturrado de otários e choacalhar pela Avenida Bra-

ALFARRÁBIOS XV

sil, feito um côco ensacado, num saco mal amarrado, em tempo de rolar pelo asfalto e um carro atropelar, alguém chutar. Vê só. Olha pra mim... – não, não olha não, senão tu morre, mané! – Só pensa. Pára pra pensar: Dá pra eu me enquadrar neste perfil?

Detesto insuflm, não deixa eu ver tua cara. Abre! Abre logo a porra do vidro, caralho! Anda!

_ Eu disse pra não olhar, pera lá...Que olhar de banda é este? Ai ai ai! Tá me esnobando, é, bebé? Tem grana aí? Já percebi. Filmei. Deu mole, mané. Ah, sim. Beleza! Então. Tanto melhor pra tu, seu babaca. Já tinha visto pela tua elegância de pato de galocha que tu é besta pra dedéu.

Ah, é? Não abaixa a crista não é? Então tá. Me dá, porra! Me dá logo este tablet! O celular também! Agora! Me irritou esta pachorra tua de levantar os olhos pra mim, tipo que nem é contigo, que não te interessa a vida do otário operário que eu te contei como é que era.

E se fosse mesmo eu, o tal do operário? E se fosse o meu passado que eu estivesse te contando assim, pra tu, na boa, na maior, confidentemente? Tu é frio, cara! Tu é sangue ruim, sangue de cazuza, logo se vê.

Tu não é um duro, certo? Não tivesses um qualquer aí, pra me dar, e ia ver só a merda em que estava se enfiando.

ALFARRÁBIOS XV

Tiro na bunda, seu mofino filho da puta! E na cara. Duro tu seria um duro morto, agora mesmo – Foda-se! – Diria eu. Podes crer. Pra teu governo, por isto mesmo, não se esqueça e não se iluda com a parada.

Lembra que eu não sou, nem nunca fui e nem vou ser, jamais, este otário personagem bonzinho que trabalha duro. Destes que abaixam os olhos pra tu, arriam as calças pra tu, abrem a porta pra tu, servem cafezinho pra tu, que quase lambem o teu cú. Não.

Não sou. Sou de outra laia. Outra qualidade, morou? Sou o bicho solto, cão-raivoso-chupando-manga no meio da noite escura do teu destino de zé mané, que é o que tu é, bundão, bundão! Bundão! Mil vezes bundão!

Dou mais de mil graças ao céu de não ter sido nunca, nem de longe, um panaca assim triste e obediente como tu vai ter que ser agora, na hora de me dar tudo que tu tem aí, e que de hoje em diante será do malandro aqui, que sou eu, Euzinho da Silva.

Tá vendo os outros caras ali, de cobertura. São os meus ‘braços’? Pois é. É nós. É eles e eu, o bam bam bam da parada, o dono de tudo aquilo que um dia foi teu. Ah, ah! Agora tu morou direitinho qual é a da parada. Morou ou não morou?

ALFARRÁBIOS XV

_ Perdeu meu chapa! Passa o carro. A mala, a pasta, tudo! O quê? Que documento o caralho. Eu sei que tu tem uma grana preta aí, seu, mané! É ou não é? Tu acha que eu sou ladrãozinho de celular, é? Tira o terno. Sim é isto mesmo. É isto aí. Pelado no meio da rua. Humilde, uma mão na frente a outra atrás. O quê? A rua tá escura? Alguém pode te matar? Qualé, cumpádi? Tá cheio de cupincha teu aí, nos carros. Teu dia ainda não é hoje não. Se bem que, vivo ou morto tu já foi, mané! Tu já era. Agora é nós!

Tchau. Te deixo vivo por que eu sou legal.

Fui!

O outro cara:

(em pânico. No mesmo lance, pensando rápido num jeito de se safar)

Putaquepariu! Fudeu! É assalto. Só pode ser. Olha só jeitão do cara, me olhando. Parece até a porra um bicho armando o bote. Caralho de sinal que não abre. Olha só o tamanho do braço do negão, meu irmão! Forte pra caramba! Um armário, tirando esta onda de pedinte de rua? Sei não.

Escola, nem pensar. Não tem ânimo, não tem cara de ficar afim. Deve ter fugido da sala de aula de algum Ciep morfético desses aí, há mais de dez anos. Melhor fechar

ALFARRÁBIOS XV

o vidro e fingir que não é comigo, que nem vi. Adianta o que pagar imposto? Me digam. Não tem um policial sequer na pista. A gente que é cidadão, fica assim, inteiramente, à mercê desses camaradas mal encarados. Nós, desamparados, sem ter em que se segurar, em que se valer.

O que ele está pensando? Que eu sou rico? Pô! Imagina. Técnico de contabilidade. Um ferrado, por assim dizer. E este Pálio, velho, caquético, é de rico, por acaso? Tá na prestação. Este mês nem deu pra pagar. E se eu dissesse que eu trabalho numa Ong que ajuda pra caramba esta garotada que, como ele, tá por aí ao Deus dará?

Será que cola? Tá legal. Mentira descarada. Minha mina é que trabalha nesta praia de Ong, trabalho que aliás ela detesta, coitada, mas, e daí? Quem é que vai saber?

Furada. Ele não está com nenhuma bolinha de tênis na mão. Nem limão. Nenhum nariz de palhaço, nenhuma flanelinha, nenhum rodinho de raspar sabão de parabrisa. O que é que ele tem ali? Parece um... é um... Ai meu Deus! Olha lá! Ele está portando um revólver, dá pra ver debaixo da camisa. Uma arma prateada. Caralho! Tô fudido!

_Tá doido! Abro! Abro, sim! Já abri, pronto!

Só mesmo dizendo pra mim mesmo: Controle-se! Segura a onda. Não faça nenhum gesto brusco. Ai que vontade de mijar. Puta que pariu. Pára de tremer, porra! Para de tremer, seu imbecil!

ALFARRABIOS XV

O problema da minha mina com estes caras é este aí. A verdade está aqui, na minha cara. A gente dá um montão de alternativas pra eles, dá aula de ética e cidadania, circo, teatro, música, o cacete a quatro. Explica o que é internet, word, excel, email, whatsapp. Tá certo, eles quase não têm computador em casa, mas, e daí? Televisão eles tem, não tem? Nós também não tínhamos computador, ninguém tinha.

A gente ensina como elevar a auto estima desses caras que, mal sabem ler e escrever e eles ficam marmanjos e acabavam se voltando contra a gente. Ingratos. Ora, que diabo. A gente faz o que pode. Se eles não tem trabalho a culpa é de quem? Nossa é que não é. A gente paga imposto pra ter tranquilidade e segurança. É ou não é?

Ai que vontade de mijar, caralho!

Trabalhar não quer, o vagabundo. Vai você, mesmo sem precisar, oferecer um biscoquinho para um cara desses. Um serviço de pedreiro, um quintal pra capinar, umas sacolas de mercado para carregar. Pensam que ele aceita? Que nada. É soberbo. Se ofende. É o mesmo que xingar a mãe dele. Vai querer me bater, me matar. Afinal, alguém precisa dizer pra ele que todo trabalho é digno. A pessoa deve fazer o que pode para sustentar a família. A sociedade não pode ficar bancando vagabundo assim não. Onde é que a gente vai parar?

__Ai meu Deus! O que foi agora. Vai atirar? Vai me matar? Calma! Calma! O que foi que eu fiz? Eu não falei. Eu só pensei. Fiz uma cara de que? Que cara?

ALFARRÁBIOS XV

Será que ele lê pensamento? Ai meu Deus! Mostra pra ele que eu não estou debochando de nada não. É o meu jeito de ser. Fico assim quando estou em pânico. Pelo amor de Deus! Ai que vontade de mijar, caralho!

Ontem mesmo eu vi, de noitinha, uma mulher enfurnada num container de lixo catando papel, latinhas, garrafas Pet, o que pudesse. Deve vender o que arrecada à noite, pelos becos, pra poder comprar comida para levar para casa. É feio? É deprimente? Tá. É sim, mas, fazer o que? Aquele garimpo é o trabalho dela, ora. Trabalho honesto. Deus a recompensará um dia.

Eu mesmo, se tivesse uma situação melhor, se morasse numa Barra da Tijuca destas, da vida, pegava esta mulher e contratava como empregada doméstica. Já pensou? Honesta e trabalhadora como parecia ser. Um dia desses até carteira assinada ela ia ter. Depois, era só ir evoluindo, um aumentozinho aqui, outro ali, uma bolsa família para completar o orçamento. Ia longe a moça.

_ Não! Não! Que é isto? Não atira não!

Ai me acuda, meu Deus! Ele tá puto! Deve estar drogado. Vai atirar! Vai atirar!...

_ Tá legal, toma o tablet, toma o celular, toma minha carteira, toma tudo logo!

ALFARRÁBIOS XV

Ladrão filho da puta. Ralei feito um corno pra comprar este celular de câmara. Este Tablet...

_ O que? Não! Isto não!

Não posso nem pensar. Ele pode desconfiar.

_ O que? Tá legal. Dou a pasta. Toma. O que? A mala não! A mala não!

Ai meu caralho. O dinheiro do caixa dois da empresa. Vai me fuder a vida! Vai me fuder de verde amarelo! Como é que vai ser? O patrão vai querer que eu dê conta. Vai pensar que eu armei com a porra deste ladrão.

_ Calma! Calma! Nada de pânico. Vou sair! Vou sair do carro! Calma!

Deus me ajude que ele não me mate.

_ O terno? As calças, toma! Toma o paletó, está bom assim? Ficar só de cuecas? Nem cuecas? Puta que pariu! Quer me desmoralizar de vez, me esculachar, cara? Quem são estes caras vindo aí?

Caralho! Lotaram o carro!

_...Ei! Já vou, já vou!...Tá bom, tá bom....Calma aí! Calma aí! Não vai não. Não vai não.

Pronto. Lá se foram. Fudeu.O que é? O que é vocês estão olhando. Nunca viram ninguém pelado não? Vão se fuder, vocês também. Vão todos pro caralho! Fizeram porra

ALFARRÁBIOS XV

nenhuma para me ajudar. Ficaram aí, olhando, se cagando de medo. Mais de cem carros aí, parados, imóveis, no maior silêncio, assistindo eu me fuder, de camarote. Olha lá os ladrões filhos-da-puta com o meu carro. Liberou geral. Parece até que sinal abriu só pra eles. Alguém aí vai testemunhar a meu favor? O senhor? Não? A senhora? Também não? Seus escrotos! Eu sabia. Não precisava nem falar.

É por estas e outras que o Brasil não vai pra frente. Porra! Caralho! Cacete! Merda! Puta que pariu!

VARNO

Poesias by Varno o Nômade @sarau_cos-
mico

WhatsApp 55 991193792

EU TE AMO PORQUE TE AMO

Eu te amo porque eu te amo.
E não porque tu me amas.
Meu amor não depende de ti.
Meu amor não depende de teus movimentos.
Meu amor é incondicional e auto- existente.
E, desta forma, existirá enquanto eu existir.

Mas minha paixão!
Ah, esta é fogo.
Minha paixão é intensa.
É erupção vulcânica, tsunami, furacão, terremoto.
E, por ser intensa, necessita de alimento.
Ah, e como é faminta.
Ah, e como é sedenta.
Sem alimento, na mesma intensidade que ela despertou,

ALFARRÁBIOS XV

ela adormece.

Até encontrar outro ser que a desperte e, como fênix, resurgirá com toda a sua intensidade.

Mas meu amor.

Ah, o amor.

O amor é doçura.

O amor é entrega.

O amor é incondicional e infinito.

Porém se transforma.

Veze Ágape.

Veze Eros.

Veze Philos.

Veze a fusão deles.

Mas quando há amor, nosso maior presente é a alegria do ser que amamos, mesmo que não seja ao nosso lado, pois ele já habita em nosso coração.

SOU FEITO D'EUS

Sou feito Deus!

Sou feito D'Eus!

Há um eu capaz de ficar 9 dias sem comunicação de forma alguma.

Mas há um eu que fala pelos cotovelos.

Há um eu que medita 10h em um dia.

Mas há um eu que fica 24h ligado no 220.

Há um eu que come compulsivamente.

Mas há um eu que passa 3 à 7 dias em jejum.

E um outro eu que se alimenta sutilmente.

Há um eu que ama ficar em uma caverna na montanha como um eremita.

Mas há um eu que adora estar no meio da muvuca.

Há um eu que mergulha em conversas sobre espiritualidade..

Mas há um eu que ama papo vegetariano, falar abobrinhas.

Há um eu que ama estar em movimento na estrada, capaz

ALFARRÁBIOS XV

de fazer 70km em um dia com sua handcycle.
Mas há um eu que pode ficar 3 dias deitado em uma rede
sem movimentar-se.

Há um eu e outro eu e outro eu...
Há tantos eus que sequer vislumbro conhecer.

Há tantos eus que por mais que viva bilhões de anos não
irei experienciar.
Mas uma certeza apenas há.

Reverencio cada um destes eus.
Todos são igualmente sagrados e profanos.
Pois todos multiversos habitam em mim.

Sou feito Deus.
Sou feito D'eus!

POLIAMOR

Ele se nutre de amor.
E seu coração não tem dimensões.

Ama incondicionalmente.
E compartilha seu amor com todos que se abrem.
E o faz na mesma intensidade.
Amando, amando, amando.

Alguns seres não compreendem seu amor.
Acreditam que só se pode amar um ser.

Mas, e o que fazer com todo este amor?
Um único ser não o comportaria.

E ele ama um ser por vez.
Pois ele está presente.
Ele mergulha neste amor.
Ele ama intensamente.

Ele dedica-se à despertar a alegria no ser amado.
E se realiza quando este se conecta com o êxtase.

E, em todos relacionamentos ele é único, no momento
que o experiencia.

Assim é o ser que transborda amor.
Poliamor.

VINI BORGES

VINI BORGES

Vini Borges, artista plástico e poeta niteroiense, produz arte como modo de expressão de sua perspectiva na rotina coletiva. Membro do Coletivo Afeto Poético. Este é o primeiro fanzine de que participa com seu trabalho visual e sua primeira obra individual está no prelo. Assina os trabalhos de artes visuais que compõem a exposição “Poéticas de Carolina”, em homenagem à obra de Carolina Maria de Jesus.

A VIDA POR UM FIO

Obras de Vini Borges

Curadoria de Jordão Pablo de Pão

Nesta sequência de três quadros, busco unir duas paixões minhas como observador do mundo: à medida em que a natureza me é revelada pelo modo de existir das plantas do meu jardim, dos pássaros que o visitam, do desenho de compartilhar moradia de minha família, meu interesse pelo contraste entre o natural e o artificial faz com que eu me inquiete, eu pesquise, eu busque formas tão naturais quanto possíveis naquilo que o homem constrói.

Nesta pequena mostra, trago obras inspiradas na vida, no início de tudo, no amadurecimento, na morte: uma visão que passa pela natureza, de vida e morte, de morte e vida, do tecer a existência. Como materiais bases, a madeira e a linha dispostas em moldura e em uma releitura da técnica da string art, que surgiu para ensinar ângulos matemáticos aos alunos de String, nada mais natural que parece artificial - a matemática é a ciência mais imbricada ao público geral.

As molduras de madeira entoam a vocação capitalista destas obras de artes vivas que são as árvores. Devolver molduras à natureza não apenas para estas fotos, mas como instalações permanentes, realinha o tributo ao

ALFARRÁBIOS XV

natural que sinto tão necessário. As linhas me levam a coisas que vivi. Na infância, a minha mãe fazia da linha bordados, tricôs, roupas, o que, de certa forma, me conduzem à aproximação dos sentimentos de minha ancestralidade.

A cada trabalho, me sinto mais leve e refino as minhas habilidades. Em cada alinhavar, em cada fazer de tela, o meu sentimento se redimensiona, explode, ganha novos contornos. Como a arte. Como a vida. Como a paz de ser quem se é. Que assim seja para tudo que é natural.



Nascem aéreas

Obra de Vini Borges - 2020

Moldura de madeira com entrelace de linha de algodão azul jeans. O momento do nascimento é a possibilidade de todas as coisas. O Universo se reinicia. Uma das existências naturais mais curiosas compõem esse quadro: as aéreas são plantas que não precisam do solo para se alimentar, captam a água do ar. Nascer pode ser libertar-se.



Trajetórias

Obra de Vini Borges - 2020

Moldura de madeira com entrelace de linha de algodão cinza e plantas parasitas. Entre o nascer e o morrer, os momentos se sucedem e escolhas nos fazem deixar marcas, traumas, criar formas novas de interagir e de se expressar. A natureza é desafio. Ao homem, o eterno peso de ser meio parte meio parasita neste tempo de multiexploração das outras vidas.

ALFARRABIOS XV



Morte e Vida Severinos

Obra de Vini Borges - 2020

Moldura de madeira com entrelace de linha de algodão branca e galho seco com parasitas. A morte não se descortinou inteira frente aos homens. Quando algo não se faz, na natureza, muita coisa foi dita. A existência é matéria de conciliação entre o que pode vir a ser, o que já foi e o que é. Da morte, nasce vida na imortalidade dos afetos construídos.

WAGNER NYHYHWK

é um autor criado, dentre outros, por Wagner Teixeira, para assim ampliar ao máximo as possibilidades de criação artística. Desde que se entende por personagem inventa outros autores, histórias e loucuras diversas. Iniciou na infância escrevendo e desenhando nos cadernos da escola. Depois conheceu os fanzines e passou a editar e colaborar em diversos deles. Partes de suas produções podem ser acompanhadas no blog <http://partesforadotodo.blogspot.com.br>



DIÁRIOS DA PANDEMIA:

por wagner nyhyhwh

QUARENTENA

alguém está sentindo falta

dos engravatados?

ALFARRÁBIOS XV

O MISANTROPO

Certa vez

Muito tempo depois

O misantropo ligou a TV

E descobriu que o mundo estava em quarentena.

Cidadãos de Bem

em

TÁ LIBERADO.

-Queremos autorização para passeatas, é nosso direito.

-Estão loucos? Estamos no meio de uma pandemia.

-Mas é manifestação pro ditadura.

-Ah, então tá autorizado. Levem uns milicianos pra garantir proteção e aterrorizar os governadores.

POR QUE NÃO?

Punheteiro, 35 anos

Sempre gostou assim

Prazer solitário

Sempre bastou

ALFARRÁBIOS XV

Mas dado momento
Sentiu falta
Ter uma companhia
Nunca esteve com uma mulher
Já era hora de experimentar
Anseio por outro corpo
Mas quem?
Não tem amizades.
Bares Boates
Muitas belas, fisicamente atraentes
Não chega junto
Acha ridículo isso de xavecar
Pura falsidade.
Puteiro
Sorriem pra ele
Mas também acha ridículo
Pura falsidade, não o atrai.
Queria encontrar quem realmente o desejasse
Então veio
A pandemia
Isolamento social
População confinada em angústia
Mas pra ele tranquilo

ALFARRÁBIOS XV

Acostumado

A vida inteira em isolamento

Com essa definitivamente desistiu

Prazer solitário

Concluiu

Que seja então até o fim de seus dias

Por que não?

SABOROSA QUARENTENA...

Dia 1

Logo no primeiro dia de quarentena

Demitido.

Tudo bem.

Dane-se.

Odiava mesmo aquele emprego.

Ela o consolava.

Poderiam agora passar muito mais tempo juntos .

Deliciosamente isolados.

Hmmm...

Dia 7

Uma semana de paixão intensa.

ALFARRÁBIOS XV

Perfeito.

Tesão enlouquecida por toda a casa,
Dias e noites sem fim,
Posições inéditas,
Cômodos inexplorados,
Experimentações inesperadas...

Dia 28

Amor cada vez mais insaciável.
Mais e mais agressivamente insaciável.
Ela revela seus fetiches mais sádicos.
Arranhões e mordidas sangrentas eram
Apenas preliminares...

Dia 42

Mordida não arranca apenas sangue,
Mas um grande pedaço de pele.
Reclama de dor, enquanto ela...
Ela mastigava o naco de carne...

Dia 45

Beijos e mordiscadas logo abaixo do umbigo
Os lábios gulosos vão descendo...

ALFARRÁBIOS XV

Mas a afasta,
Quase um reflexo automático.
Que foi? Não quer uma chupada?
Hã, hoje não, querida, estou indisposto.

Dia 77

Ela liquida a última garrafa de vinho
Amanhã terá que sair para procurar comida
Mas não pensa nisso
Hoje vai dormir extasiada
Após mais uma sublime refeição.

O NOVO VELHO NORMAL

-Majestade, estes são os últimos números de casos do vírus. Está bem preocupante.

-Tem que mudar isso aí.

-Bem, acreditamos que o único jeito será aumentar o isolamento soc...

-Tô falando dessa estatística aí . Tem que mudar esses números.

-Hã?

-Refaz esses números e apresenta de novo daqui duas horas.

-Sim, milorde.

Sem coragem de contestar, o Novíssimo Ministro da Saúde sai para reunir sua equipe. Duas horas depois, apresenta os novos números.

-Majestade, temos aqui o número revisado de casos do vírus.

-Zero?

-Sim, milorde. Fizemos uma vasta pesquisa em diversos grupos do zap e publicações no feice e descobrimos que o vírus nunca existiu, foi uma invenção dos comunistas chineses para tumultuar a economia mundial. Tá tudo normal agora.

-Claro. Agora tudo faz sentido. Os prefeitos colocavam nas estatísticas qualquer morte como sendo pelo vírus só pra me prejudicar. Aqueles bostas. Excelente trabalho, meu amigo. Estou tão satisfeito que acabo de promover você para Vice Ministro da Economia.

-Puxa, alteza, nem sei o que dizer.

-Estão vendo o que quero de vocês? - Dirigindo-se aos outros ministros - Patriotismo, valores cristãos familiares, e total comprometimento e alinhamento comigo. Sejam como nosso novo Vice Ministro da Economia.

Aplausos, entoação do Novo Hino Nacional, e continências de joelhos.

O então Novíssimo Ministro da Saúde agora Vice Ministro da Economia imediatamente posta empolgado as novidades em seu tuitar. Os robôs curtem e compartilham.

ALFARRÁBIOS XV

CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS:

Mesmo com crescente número de mortes diárias, governo decreta fim da quarentena.

-Soube do Jalílio? Pegou o vírus e morreu.

-Virou estatística.

-Nem isso, o governo nem tá computando mais.

PÓS-NOVÍSSIMO NORMAL

-O que é esse «novo normal» que tanto falam?

-Nos últimos dois meses, a média de mortos pelo vírus no país tá em 1000 por dia.

-Entendi. Novo normal...

CONTAGIOSO AMOR

O que não fazemos por amor?

Arranquei violentamente a máscara

lhe dei um beijaço

guloso

molhado

demorado

aguardado

ALFARRÁBIOS XV

insaciável

incontrolável

irresponsável

contagioso...

WALTER BROVIA



(Buenos Aires, Argentina, 1977)

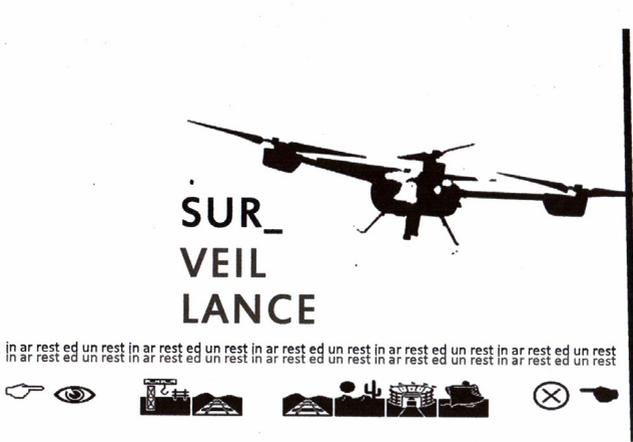
Artista visual y de performance con estudios formales de artes plásticas y nuevas tecnologías aplicadas. Expone desde 2008 en espacios del circuito metropolitano de Buenos Aires. Participó por invitación o concurso en varias muestras en el exterior. Desde 2014 integra el colectivo “SOSTierra” coordinado por Daniel Acosta. Desde 2015 realiza piezas en formato de videopoesía junto a Mariano de Laurentiis.

walterbrovia@gmail.com

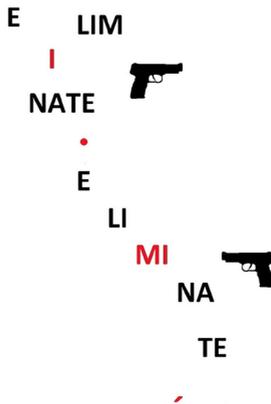
<http://walterbrovia.blogspot.com/>



ALFARRABIOS XV



"sur-veil/lance...in ar rest ed un rest" walterbrovia 2018
presentada en Jantus Edition 2018 Berlin



"Revolver" walterbrovia 2016

ALFARRABIOS XV



"Frontera" walterbrovia 2017
presentada en convocatoria artecorreo de Puglia Italia
2017

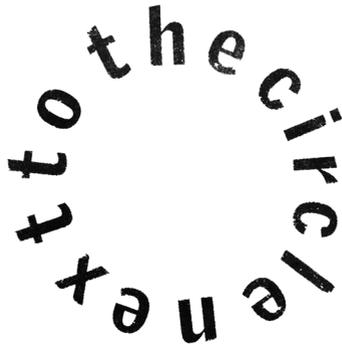
Golpe do estrado

"Golpe do estrado" walterbrovia 2016
presentada en convocatoria del Museo de Arte Cañaden-
se de Santa Fé, 2018 d/ Rosa Gravino

\$N INTERES

\$N INTERES

"\$n Interes" walterbrovia 2017
presentada en convocatoria de poesía visual del MACA
Junín PBA, 2017 d/ Silvio de Gracia



"circles" walterbrovia 2017

WINTER BASTOS

Autor do livro de contos "Prisões de Estimação" (Ed. Itapuca, 2019) e do livro de crítica literária "Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto" (Ed. Achiamé, 2005). Em 2011, recebeu menção honrosa no IX Concurso Municipal de Conto Prefeitura de Niterói, sendo publicado pela Ed. Niterói Livros com os demais premiados. Obteve menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura, em 2013, tendo conto incluído em antologia da EdUFF. Obteve 1º lugar no festival de Contos do CLARON de 2016. Recebeu 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos em 2018. Teve o conto "Depoimento" selecionado pelo Selo Off Flip para integrar a coletânea "Parem as Máquinas!" em 2020. Fundador do blogue Expressão Liberta. Colaborador com textos para o jornal Transversus e para a revista Contra Legem.



Um Lero sobre Fanzines

(Por: Winter Bastos)

Lá pelo início década de 1990, eu trocava cartas com gente que curtia roque udigrúdi. Foi dessa troca que veio meu primeiro conhecimento sobre fanzines. Antes disso, eu sequer havia ouvido a palavra, o contato com a palavra se deu junto com a chegada do próprio objeto: um fanzine que me mandaram pelo correio.

De cara simpatizei com aquele tipo de revistinha amadora (feita por amor) e quis editar uma também. Os fanzines que eu recebia na época eram ligados a movimentos contraculturais roqueiros: metal ou “punk”. No caso do “punk”, que tinha maior quantidade de publicações, a divulgação da contracultura quase sempre se associava a ideias anarquistas (ou de outras ideologias sociais). Mas logo vi que não teria por que haver regras pré-estabelecidas ou limitações nos assuntos a serem tratados. E realmente não havia: existiam publicações dessas sobre qualquer troço.

Reza a lenda que os fanzines (resumidamente chamados de zines) teriam surgido nos anos 1930, feitos por uma turma fissurada por ficção científica, que resolveu editar suas próprias publicações sobre o tema. Fanzine

ALFARRÁBIOS XV

inicialmente seria a revista (“magazine”) do fã (“fan”) de ficção científica. Mas logo essas edições se expandiram pra tudo quanto é assunto, ganhando força nos anos 70, com impressos como o transgressor e provocativo zine roqueiro britânico Snifin’ Glue. Aqui no Brasil, na mesma década, poetas da chamada geração mimeógrafo também fizeram fanzines, apesar de nem sempre chamá-los por esse nome. Nome é o que menos importa na verdade, vale é a pôr mãos à obra.

E eu resolvi por mãos à obra logo após o primeiro contato com essas publicações tão fascinantes. Assim, junto com o saudoso Alexandre Mendes de Vasconcellos (1977-2017), Fabio da Silva Barbosa, Francisco Bragança e outros, criamos o fanzine quadrimestral Terceiro Mundo. Era uma publicação em formato brochura, cujo original nós elaborávamos recorrendo a impressora matricial, tesoura e cola (por defeito na impressora, prum dos números foi usada uma máquina de escrever). Depois fotocopiávamos e grampeávamos as três folhas de papel A4 dobradas, impressas na frente e no verso, resultando numa publicação com doze páginas incluindo capa e contracapa. Vendíamos o zine pelas ruas de Niterói (RJ) pelo preço de custo, abordando qualquer transeunte, sem distinção. Isso foi por volta de 1992 ou 93. A tiragem era oscilante, pois, ao longo dos quatro meses em que vendíamos o zine, usávamos a grana para tirar mais cópias. Porém, por causa

da forte inflação, a gente sempre tinha que se cotizar para conseguir pagar as fotocópias da edição seguinte: nunca tínhamos dinheiro em caixa. A temática era amplíssima: Anarquismo, trechos bíblicos, histórias em quadrinhos, ciências exatas, poemas, críticas de roque “punk”, etc. Teve coisas boas e outras nem tanto. Mas tudo serviu como aprendizado.

Em meados da década de 90, fiz (junto com Nalini Narayan) o fanzine aperiódico Anti. Eram três folhas de papel ofício não dobradas, fotocopiadas na frente e no verso, grampeadas na lateral, totalizando seis páginas. A tiragem era de cem exemplares, sem preço definido. O nome era simplesmente o prefixo grego de negação, que integra muitas palavras em Português. Houve um número antirracista, um antimachista, outro anti-homofobia, fora outros com temática variada, onde foram publicadas críticas sociais, poemas e alguns contos. A publicação durou pouco.

O grande lance mesmo, pra mim, foi o surgimento do fanzine O Berro, que mantenho até hoje. Tudo começou em 2008, quando eu estava bebendo na casa do camaradão de longa data Fabio da Silva Barbosa. Entre uma e outra cerva, ele propôs que a gente voltasse a fazer fanzines. No início fui contra, eu disse que a gente estava em outra época

de vida, que tínhamos que manter casa e responsabilidades de adulto e mais um monte de chorumelas que não sei donde fui tirar.

Logo, como não poderia deixar de ser, Fabio me convenceu e começamos a pensar num título para a publicação. Não queríamos nada que fosse de conotação ideológica de entendimento restrito. Procurávamos um nome que exprimisse revolta, mas que qualquer pessoa alfabetizada conseguisse ler e entender o recado. Depois de muita birita e roque pauleira udigrúdi rolando naquela noite, pensamos no nome O Berro. Fomos até o computador e não encontramos, na internete, nada sobre outras publicações que já tivessem esse mesmo título. (Meses depois descobriríamos que havia uma revista de caprinocultura chamada O Berro, além de uma publicação clandestina, com esse mesmo nome, que lutara contra a ditadura empresarial-militar brasileira implementada em 1964. Mas tudo bem.)

Pouco depois de termos batizado a iniciativa, Fabio falou com Alexandre Mendes, que – muito mais decidido e ousado que eu – abraçou a ideia na hora. Na época, Alexandre trabalhava seis dias por semana como cobrador de ônibus e cursava faculdade de História, casado e com três filhos. E o sujeito ainda topou de cara fazer fanzine de novo!? É, turma leitora, fanzineiro é batalhador mesmo... e Alexandre o era acima da média. Graças a isso,

a publicação seguiu com periodicidade mensal durante um ano. Então Fabio conseguiu que a Editora Independente de Brasília (DF) lançasse “Um Ano de Berro: 365 Dias de Fúria”, livro que reunia textos publicados no zine, com capa e ilustrações de Alexandre.

Depois Fabio veio a criar o fanzine Reboco Caído, que ele edita até hoje. Durante um tempo manteve o zine Pençá, junto com o artista plástico Eduardo Marinho. E continua fazendo suas ações diretas culturais por aí, algumas delas com Diego El Khouri (criador do Cama Surta, Brenfa e outros impressos muito loucos).

Antes de nos deixar tão precocemente em 2017, o querido Alexandre Mendes criou o fanzine Gambiarra, feito a mão, provando que é possível se expressar muito bem, mesmo nos momentos em que faltam recursos materiais.

Continuo editando O Berro (agora aperiódico), contando com colaboração de muita gente boa como o jornalista Francisco Bragança, a poeta Tânia Ribeiro (que idealizou o Poezine) e outras pessoas do mundo cultural anticonformista.

E você aí, já pensou em criar um zine?

ALFARRABIOS XV